



Universidade Federal do Pará- UFPA

Instituto de Ciências Biológicas - ICB

Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca – PPGEAP

ISABELLE MARIA DAS CHAGAS SILVA

A REDE QUE PESCA GENTE: O CASO DA COMUNIDADE CAJUEIRO NA ILHA DE
MOSQUEIRO/PA.

Orientadora: Prof^a. Dra. Voyner Ravena Cañete

Belém - PA
2015



Universidade Federal do Pará- UFPA

Instituto de Ciências Biológicas - ICB

Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca – PPGEAP

ISABELLE MARIA DAS CHAGAS SILVA

A REDE QUE PESCA GENTE: O CASO DA COMUNIDADE CAJUEIRO NA ILHA DE
MOSQUEIRO/PA.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ecologia
Aquática e Pesca do Instituto de Ciências
Biológicas da Universidade Federal do
Pará, como requisito para obtenção do título
de Mestre.

Belém - PA
2015

ISABELLE MARIA DAS CHAGAS SILVA

A REDE QUE PESCA GENTE: O CASO DA COMUNIDADE CAJUEIRO NA ILHA DE
MOSQUEIRO/PA.

Data da defesa: 14/05/2014

Conceito: BOM

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Voyner Ravena Cañete
Orientadora
Universidade Federal do Pará – UFPA/ ICB

Prof^a Dr^a Denise Machado Cardoso
Universidade Federal do Pará – UFPA/ IFCH
(membro titular)

Prof. Dr. Sérgio Cardoso de Moraes
Universidade Federal do Pará – UFPA/ NUMA
(membro titular)

Prof. Dr. Ronaldo Borges Barthem
Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG
(membro titular)

Prof. Dr. Mário Vasconcellos Sobrinho
Universidade Federal do Pará – UFPA/ NUMA
(membro suplente)

Belém-PA
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Chagas Silva, Isabelle Maria, 1990-

A rede que pesca gente: o caso da comunidade cajueiro na ilha de Mosqueiro/PA. / Isabelle Maria Chagas Silva. - 2015.

Orientadora: Voyner Ravena-cañete.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Ecologia Aquática e Pesca, Belém, 2015.

1. Pesca artesanal. 2. Pesca - Mosqueiro, ilha do (PA). 3. Pescadores - Mosqueiro, ilha do (PA) - Aspectos sociais. I. Título.

CDD 23. ed. 639.2098115

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado o bem mais precioso que é a vida. Por ter me dado força e sabedoria para superar todos os obstáculos e ter colocado as pessoas certas no meu caminho.

A minha família, base sólida, essencial para todas as minhas realizações. Em especial, a minha mãe, Deuzuite Pereira das Chagas Silva, pelo amor incondicional. A minha tia M^a José das Chagas (segunda mãe) sempre muito paciente e cuidadosa. Ao meu pai, Raimundo Vieira Silva, pelo apoio. Ao meu irmão, Raphael de Deus das Chagas Silva, por toda a cumplicidade. As minhas tias, M^a de Lourdes e M^a do Rosário, por toda a consideração. Ao meu primo, Davi Jorge Pereira das Chagas Belfort, por todos os momentos alegres proporcionados.

Ao Programa de Ecologia Aquática e Pesca – PPGEAP através da Universidade Federal do Pará por todo aprendizado.

À minha orientadora Profa. Dra. Voyner Ravena Cañete pela confiança, apoio irrestrito e pela imensa contribuição a minha formação acadêmica.

À turma do Mestrado PPGEAP - 2013, por todos os momentos compartilhados.

Ao meu amigo Ualerson Peixoto, pela ajuda nas coletas de campo.

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta na elaboração deste trabalho.

À Deus, às minhas mães (Deuzuite) e (M^a José). À
minha orientadora Prof. Dr^a. Voyner Ravena Cañete pela grande
contribuição a minha vida profissional. Dedico.

SUMÁRIO		p.
1. INTRODUÇÃO		12
1.1 Cajueiro		13
1.2 Objetivos		15
1.2.1. Objetivo geral		15
1.2.2. Objetivos específicos		15
1.3 Metodologia		15
CAPÍTULO 2: O CAJUEIRO: PERFIL SÓCIO ECONÔMICO E HISTÓRIA LOCAL		20
2.1 Mosqueiro		20
2.2 Cajueiro: descrevendo aspectos socioeconômicos		24
CAPÍTULO 3: O Cajueiro e a Pesca		43
3.1 Planejamento e manejo para cenários de sobreexploração na pesca		43
3.2 Modernização da pesca na Amazônia		44
3.3 A pesca artesanal		48
3.4 A pesca na comunidade Cajueiro		50
CAPÍTULO 4: PESCA, PARENTESCO E REDES SOCIAIS: QUASE TODO MUNDO É PARENTE NO CAJUEIRO		61
4.1 Parentesco: percursos em conceitos até chegar ao cajueiro		61
4.1.1 Vocabulário do Parentesco		63
4.1.2 O evolucionismo e o método classificatório		64
4.1.3 O funcionalismo e a teoria da descendência		65
4.1.4 Da descendência para a Aliança		67
4.2 Parentesco como rede social		69
CONSIDERAÇÕES FINAIS		82
REFERÊNCIAS		84
ANEXOS		91

LISTA DE FIGURAS **p.**

Figura 1: Foto da vista de um dos portos pequenos do Cajueiro.	14
Figura 2: Mapa de Mosqueiro, mostrando a localização da Vila do cajueiro.	16
Figura 3: Foto de entrevista realizada na comunidade Vila do Cajueiro.	17
Figura 4: Croqui da comunidade Cajueiro.	18
Figura 5: Foto da vista da comunidade Cajueiro, a partir da ponte.	19
Figura 6: Ilustração da Região metropolitana de Belém.	21
Figura 7: Mapa ilustrando o caminho de Belém até o Cajueiro, Mosqueiro, pela BR-316.	23
Figura 8: Círculo vermelho na figura indica a localização da comunidade Cajueiro (entre a praia do São Francisco e Carananduba) e ilustra as praias de Mosqueiro. Com destaque para as praias da Vila, Chapéu virado, Porto Artur e Murubira que são as praias mais visitadas para veraneio.	24
Figura 9: Gráfico da frequência de distribuição entre as diferentes faixas etária.	25
Figura 10: Gráfico do número de pessoas residentes em cada unidade habitacional.	25
Figura 11: Gráfico do número de famílias nucleares, residindo na mesma unidade habitacional.	26
Figura 12 Ilustração da situação dos imóveis na comunidade Cajueiro.	27
Figura 13: Foto de uma residência na comunidade Cajueiro.	27
Figura 14: Gráfico do tempo de residência na comunidade Cajueiro.	28
Figura 15: Gráfico das principais motivações para a migração para o Cajueiro.	30
Figura 16: Croqui da comunidade Cajueiro, com destaque para os círculos em vermelho que ilustram as unidades habitacionais de duas famílias.	31
Figura 17: Gráfico da frequência de distribuição dos residentes pela localidade de origem.	32
Figura 18: Gráfico da frequência de distribuição pelo nível de escolaridade dos moradores não-estudantes.	35
Figura 19: Gráfico da distribuição de frequência pelo nível de escolaridade dos moradores estudantes.	35
Figura 20: Gráfico da distribuição dos entrevistados pela ocupação declarada	36
Figura 21: Gráfico da distribuição dos moradores pela renda em salário mínimo declarada.	40
Figura 22: Foto de um porto localizado no Cajueiro	50
Figura 23: Os apetrechos utilizados na pesca.	51
Figura 24: (a) Representação de uma rede de emalhar de fundo na água; (b) Rede de emalhar; (c) Distância entre nos opostos.	52
Figura 25: Foto de matapis(a); matapis de madeira (b) e de garrafas pet (c).	53
Figura 26: As formas de comercialização da produção pesqueira.	54
Figura 27: Marreteiro da comunidade Cajueiro comprando peixe.	55
Figura 28: Fatores elencados como os principais problemas para a atividade da pesca.	58
Figura 29: Diagrama de um casal entrevistado na Comunidade Cajueiro	71
Figura 30: Diagrama de uma família do Cajueiro.	74
Figura 31: Diagrama de uma família do Cajueiro.	77
Figura 32: Diagrama de um casal de senhores no Cajueiro.	79
Figura 33: Família entrevistada no Cajueiro.	80

LISTA DE TABELAS

p.

Tabela 1: Escolaridade dos entrevistados por ocupação.	37
Tabela 2: Informa o perfil de escolaridade com o sexo biológico.	38
Tabela 3: Perfil de ocupação com o sexo.	39
Tabela 4: Perfil de ocupação com a renda.	41
Tabela 5: Perfil de renda com o sexo.	42
Tabela 6: Lista de espécies de peixes que são desembarcados na comunidade Cajueiro.	56

RESUMO

Este trabalho foi elaborado partindo da premissa de que as pessoas queriam se afastar da pesca. Tendo como objetivo geral descrever o distanciamento das novas gerações da pesca e compreender em que medida o discurso de insatisfação com a atividade pesqueira, recorrente na fala das mulheres, vem distanciando, ou não, as atuais gerações do exercício dessa atividade. A comunidade escolhida para a realização deste estudo foi a do Cajueiro, localizada na ilha de Mosqueiro, um distrito de Belém. Como resultados foi identificado a pesca como principal atividade da área e como estruturadora da comunidade. Na comunidade os apetrechos mais usados foram a rede de emalhar e o matapi. A única forma de comercialização identificada na área foi a com intermediário. Nesta área foi observado que a tradição da pesca na família, a identificação do indivíduo com a pesca, a proximidade física de parentes e de outras pessoas com a mesma ocupação, e outros fatores estreitam os laços do indivíduo com a comunidade, com a família e com a pesca. E apesar de estarem presentes no discurso os riscos e as dificuldades das “pescarias”, percebe-se através das gerações que os indivíduos continuam como pescadores, seja por falta de outras opções de trabalho ou por escolha.

Palavras-chave: Pesca artesanal, Redes sociais, Pescador, Parentesco.

ABSTRACT

This work was done on the premise that people wanted to move away from fishing. With the overall objective to describe the distance of the new generations of fishing and to understand to what extent speech dissatisfaction with the fishery, recurrent in the speech of women, has been distancing or not the current generations of exercising such activity. The community chosen for this study was the cashew tree, located on the island of Mosqueiro, a district of Bethlehem. As a result the fishing has been identified as the main activity area and as a community structuring. In the community the most used gadgets were gillnet and matapi. The only form of marketing identified in the area was with the intermediary. In this area it was observed that the fishing tradition in the family, the identification of the individual with fishing, the physical proximity of relatives and other people with the same occupation, and other factors have strengthened the individual's ties to the community, with family and with fishing. And although they are present in the speech the risks and difficulties of the "fisheries", one can see through the generations that individuals continue as fishermen, either for lack of other work options or choice.

Key-words: Artisanal fisheries, social networks, Fisherman, Kinship.

1. INTRODUÇÃO

A região amazônica apresenta uma vasta riqueza natural e muitas peculiaridades ecológicas. E essas características intrínsecas refletem-se na atividade pesqueira, tornando esta altamente complexa com o predomínio de técnicas artesanais de identificação de cardumes, uma grande variedade de apetrechos e diversas estratégias de pesca. Além destes fatores, o cenário torna-se mais diverso em razão dos diferentes tipos de usuários que criam novas estratégias de pesca e novas formas de uso do recurso (FREITAS E RIVAS, 2006).

A pesca artesanal é a modalidade de pesca mais realizada na Amazônia e caracteriza-se como de menor escala, menor diversidade de espécies e possui barcos de madeira de diferentes capacidades de estocagem. Esta é uma das atividades mais importantes para as populações amazônicas, em razão do grande número de indivíduos envolvidos e possui um importante papel no desenvolvimento econômico, na segurança alimentar, na ocupação de mão-de-obra e na geração de renda para a área (ISAAC E BARTHEM, 1995).

É perceptível uma crescente fragilidade no setor da pesca, isso se dá devido à descentralização do ordenamento pesqueiro no Brasil que gera duplicidades ou lacunas na gestão dos recursos, a tendência produtorista que incentiva o aumento da produção baseado no aumento do esforço e o fato deste setor ser legislado junto com a aquicultura (CAMARGO, 2012).

As ferramentas de ordenamento do governo têm se mostrado ineficazes, em geral, pois são baseadas exclusivamente nos dados biológicos do recurso e esses modelos são incapazes de compreender todas as variáveis da realidade do setor pesqueiro (MERONA, 1995).

A falta de políticas públicas que primem pela melhora na qualidade de vida do pescador, que auxiliem na solução de conflitos de uso dos recursos pesqueiros, que apresentem alternativas para diminuição na pressão sobre os estoques, que proponham medidas que se adequem às diferentes realidades, são fatores que contribuem para o aumento da fragilidade deste setor (SEIXAS, 2011).

Na região amazônica, apesar de existirem vários instrumentos de ordenamento postos em prática, muitas vezes essas medidas de manejo são incompreendidas pelos usuários, agravando os conflitos existentes na pesca. Esse fator relacionado com as dimensões da bacia hidrográfica, o número de usuários, o baixo índice de organização social dos pescadores, a diversidade de apetrechos, as várias técnicas de pesca, a pouca conscientização para preservar

o recurso dos atores envolvidos, entre outros, contribuem para a dificuldade de implementar um plano de uso na Amazônia (SANTOS & SANTOS, 2005).

Estima-se que 80% da produção de pescado extrativista da região norte é oriundo da pesca artesanal e apesar da importância dessa atividade são poucas as informações disponíveis sobre a mesma. A pesca é uma atividade tradicional muito praticada no estado Pará desde antes do processo de colonização, houve um incremento nessa produção após a década de 60, em razão do incentivo estatal (ISAAC et al, 2008).

Dentre as várias áreas marcadamente pesqueiras no estado do Pará, as ilhas do entorno de Belém apresentam uma vocação natural para a pesca, pois fazem parte do estuário amazônico e este apresenta uma grande produção pesqueira durante o ano todo (BARTHEM, 2004). As principais ilhas próximas a capital são Mosqueiro, Outeiro, Onças, Jararaca, Paquetá-Açu, Cotijuba, Jutuba, Combu e Ilha Grande (PINHEIRO, 1987). As populações ribeirinhas destas ilhas possuem uma forte dependência dos recursos naturais, como fonte de receita e de alimento. A pesca é uma das principais fontes de proteína animal e de renda para essas comunidades (SCHALLENBERGER, 2010).

Dentro da pesca artesanal as relações de parentesco merecem grande destaque, pois é a partir destas que as parcerias de trabalho se formam, pois, nesta atividade a mão-de-obra familiar é predominante. De tal modo, caracterizar as relações de parentesco se faz necessário para compreender a pesca artesanal.

A comunidade do Cajueiro, objeto desta dissertação, está localizada no distrito de Mosqueiro. Para entender essa comunidade é necessário descrevê-la em seu âmbito físico e ambiental, portanto iniciarei essa jornada como uma descrição breve sobre a comunidade.

1.2 Cajueiro

Após as primeiras incursões a campo, minha visão era de que as pessoas daquela área estavam insatisfeitas com as condições em que viviam, minha impressão foi construída a partir dos meus parâmetros do que seria o ideal para se ter “boas condições de vida”, ao meu ver as condições precárias de saneamento, de abastecimento de água, de infraestrutura somados as limitações de acesso a saúde, de acesso a educação, eram fatores predominantes para determinar a baixa qualidade de vida daquelas pessoas.

Quando comecei a interagir com os moradores da comunidade, pude perceber que essa insatisfação com a localidade, com as condições de vida, não existem.... Inclusive, uma fala

recorrente no discurso de muitos deles é que “É tranquilo morar aqui”, “Eu gosto de morar aqui”.

E a partir disso, fui olhando para aquele lugar e enxergando-o como um todo, não somente para os problemas. E então, pude ver um lugar calmo com pessoas se conhecem e se respeitam, pessoas que se dispõem a ceder seu tempo para conversar e dividir suas histórias de vida. E ao conhecer suas histórias, percebemos o respeito e o valor dado ao lugar onde moram e trabalham, onde construíram e criaram suas famílias.

E interessante perceber qual a relação deles com a pesca, como essa foi repassada pelos seus antepassados e como foi determinante para a expansão daquela comunidade.

O Cajueiro está localizado as margens do Rio Cajueiro, entre a praia de São Francisco e a praia do Carananduba em Mosqueiro, ao observarmos esse lugar a partir da ponte nos deparamos com uma paisagem peculiarmente amazônica, onde vemos um rio largo, algumas garças, uma vegetação densa, vários barcos “encostados” nos portos desta comunidade e outros barcos descarregando seu pescado, essa cena é corriqueira neste local como é possível observar na figura 1.

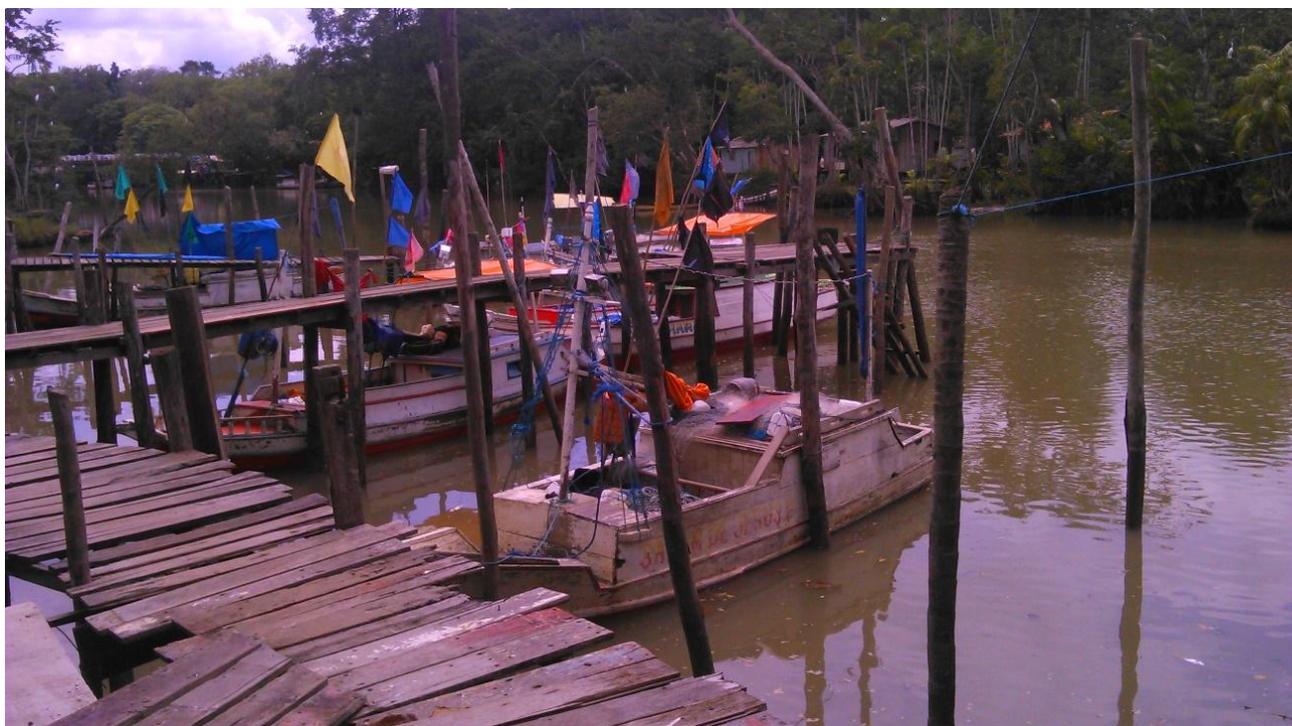


Figura 1: Foto da vista de um dos portos pequenos do Cajueiro.
Fonte: Isabelle Chagas, trabalho de campo/ 2013-14.

Diante da experiência de campo e da realidade visualizada dentro da comunidade o problema de pesquisa foi sendo construído, dado que envolvia tanto a percepção da pesca

como uma atividade principal na comunidade articulada ao discurso das mulheres com a insatisfação com esse meio de vida. Nesse sentido o problema que esta dissertação busca responder pode ser assim apresentado: Em que medida as novas gerações estão se distanciando da pesca? A mulher, marcadamente com o discurso de insatisfação com a atividade pesqueira, contribui para o distanciamento ou para a permanência dessas gerações na atividade pesqueira?

1.2 Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

Descrever em que medida as novas gerações, estão se distanciando da pesca e compreender em que medida o discurso da insatisfação com a atividade pesqueira, recorrente na fala das mulheres, vem distanciando, ou não, as atuais gerações do exercício dessa atividade.

1.2.2. Objetivos específicos

- Diagnóstico socioeconômico da comunidade
- Identificar o tempo de atividade das famílias na pesca
- Identificar o tempo de residência na comunidade
- Identificar os relatos com a satisfação ou insatisfação com a atividade da pesca

1.3 Metodologia

A comunidade escolhida para a realização deste estudo foi a do Cajueiro, localizada na ilha de Mosqueiro, um distrito de Belém, contida na região nordeste do Estado do Pará e possui uma área de 220km².

Esta área é banhada pelo Estuário Guajará, que possui águas com aspecto barrento e alto índice de turbidez, em razão da grande quantidade de matéria em suspensão. A Ilha de Mosqueiro sofre influência de águas oceânicas, no período de agosto a outubro, em virtude das altas temperaturas e poucas chuvas (BENTES, 2011).

A comunidade do Cajueiro é uma vila de pescadores às margens da estrada do Tucumeira e do rio Cajueiro. Na figura a seguir é possível observar melhor a localização da área (Figura 2). Os critérios para a escolha dessa comunidade, como objeto desta pesquisa, repousam em sua proximidade de Belém e por se caracterizar como uma comunidade de

pescadores com um importante entreposto pesqueiro, conhecido como ponte do Cajueiro, responsável pelo desembarque de 25% da produção total da ilha (LEÃO, 2010). Dessa sorte, considerando a importância da comunidade no cenário mais amplo do setor pesqueiro do estado, escolheu-se essa localidade como lócus desta pesquisa.



Figura 2: Mapa de Mosqueiro, mostrando a localização da Vila do Cajueiro.
Fonte: Adaptação de Google Maps.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizadas as seguintes metodologias: levantamento bibliográfico, observação direta e questionários semi estruturados, assim como entrevistas semi-abertas buscando capturar tanto dados quantitativos que descrevessem o perfil da comunidade, como dados qualitativos que permitissem compreender escolhas e trajetórias de seus moradores no cenário da pesca.

A pesquisa bibliográfica consistiu no levantamento de informações, principalmente, de livros, artigos de periódicos científicos e materiais disponíveis na internet relacionados à pesca, assim como a produção acadêmica dos diversos programas de pós-graduação da UFPA (Universidade Federal do Pará).

A observação direta pode ser definida como um método investigativo baseado nas informações obtidas através dos sentidos. Após o contato com a área de estudo as informações sobre a realidade local são apreendidas e, portanto, podem ser descritas de forma a se configurar enquanto dados científicos. Este tipo de observação pode ser sistemático ou

assistemático (CIRIBELLI, 2003). No caso deste trabalho, foram usados os dois tipos, ou seja, aconteceram visitas esporádicas e aleatórias, assim como foi realizada uma sequência de visitas seguidas que permitiu a captura dos dados socioeconômicos, ao passo que dados subjetivos também eram observados.

Para aplicar os questionários (figura 3) foi realizado um recorte do universo amostral, considerando assim para o desenvolvimento deste trabalho 100 unidades habitacionais e destas foram sorteadas 34, aleatoriamente, é possível observar no croqui da comunidade onde as unidades habitacionais foram representadas (figura 4). A partir destes questionários, foram obtidas informações de 137 pessoas.



Figura 3: Foto de entrevista realizada na comunidade Vila do Cajueiro.
Fonte: Acervo Pessoal Ualerson Peixoto, 2014

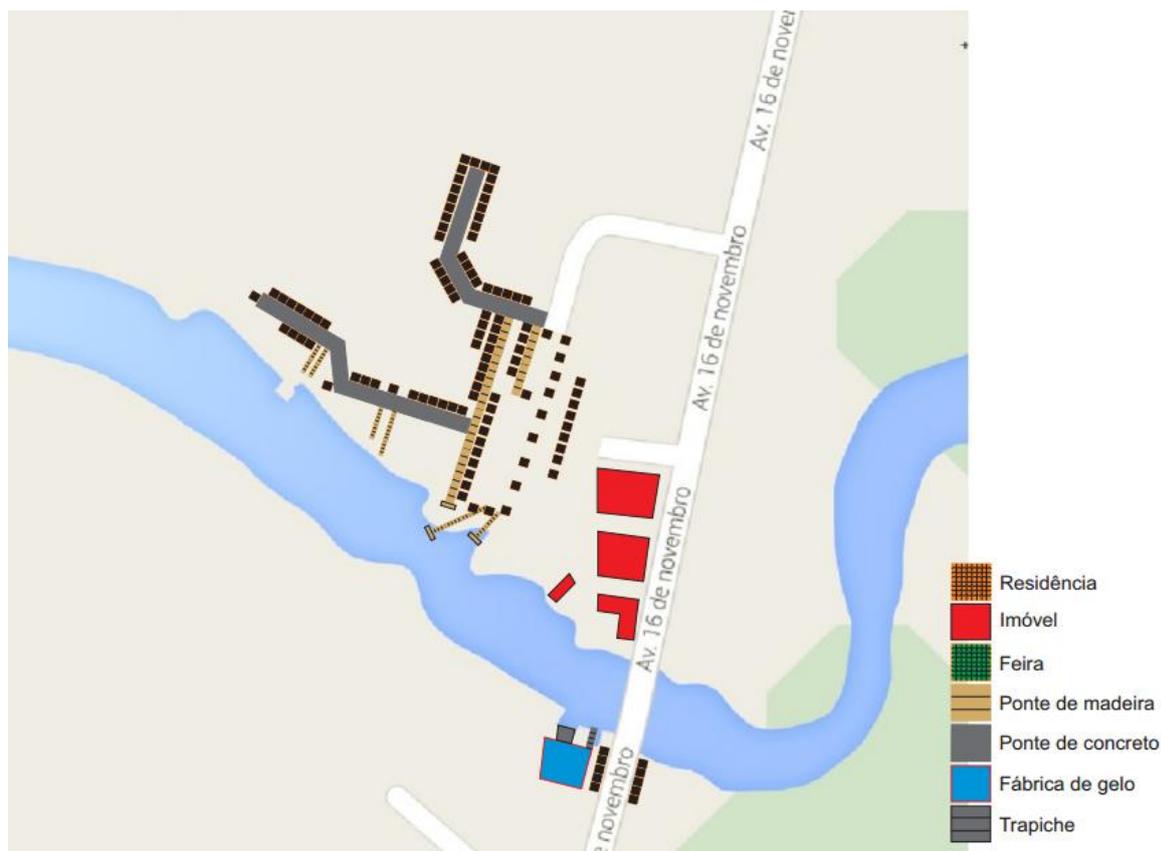


Figura 4: Croqui da comunidade Cajueiro.

Fonte: Isabelle Chagas em trabalho de campo/ 2014-2015. Desenho: Marcos Vinicius (2015)

Buscando apresentar a resposta ao problema de pesquisa que orienta este trabalho, esta dissertação foi dividida nesta introdução seguida de mais três capítulos e finalizada com as considerações finais. O primeiro capítulo trata da comunidade do Cajueiro, suas características enquanto uma comunidade pertencente a ilha de Mosqueiro e volta-se especialmente para a descrição socioeconômica da comunidade, de forma a demonstrar o cenário de renda, escolaridade, moradia, migração,

O segundo capítulo visa compreender como as políticas de manejo existentes no Brasil afetaram o processo de modernização da pesca no país e, principalmente, na região amazônica. Esse capítulo possui como fundo a pesca como a principal atividade do Cajueiro.

O capítulo seguinte tem um caráter fortemente teórico articulado com dados específicos relacionados às relações de parentesco e redes sociais que envolvem a atividade pesqueira na comunidade do Cajueiro. Assim, o capítulo discute o parentesco como uma importante área de estudo da antropologia, discorrendo sobre as principais teorias que

desenham essa abordagem em seguida apresenta a abordagem de redes sociais que se articula aos próprios estudos de e parentesco, buscando concomitantemente articular teoria e dados.

Finalmente, a dissertação apresenta as considerações finais que demonstram como a pesca, apesar de constantemente aparecer de forma negativada na fala dos moradores, figura como uma atividade que além de importante é tecida com uma rede de emalhe que captura ao passo que tece novas relações sempre voltadas à pesca.



Figura 5: Foto da vista da comunidade Cajueiro, a partir da ponte.
Fonte: Isabelle Chagas, trabalho de campo/ 2013-14.

CAPÍTULO 2: O CAJUEIRO: PERFIL SÓCIO ECONÔMICO E HISTÓRIA LOCAL

Este capítulo tem por objetivo apresentar a comunidade do Cajueiro em seu perfil socioeconômico, assim como descrever a história de sua formação como comunidade pesqueira. Para tanto, ele está dividido em duas seções. A primeira apresenta a ilha de Mosqueiro, local onde está situada a comunidade do Cajueiro, destacando a ilha em seu potencial turístico e sua relação direta com a sede municipal. Uma segunda seção é apresentada na qual a comunidade do Cajueiro é descrita a partir de dados socioeconômicos evidenciando a importância da pesca como estruturadora da mesma.

2.1 Mosqueiro

A comunidade do Cajueiro localiza-se na ilha de Mosqueiro. Esta figura como uma das mais importantes ilhas que compõem o município de Belém (BENTES, 2011). O arquipélago de Mosqueiro é composto por 35 ilhas, dentre estas 17 já foram catalogadas e Mosqueiro se destaca por sua maior extensão territorial, por sua riqueza histórica e cultural (PMB, 2002).

A Ilha de Mosqueiro dista cerca de 32 km por via fluvial e 77km por via terrestre do centro de Belém. Até 1960 a única forma de acesso à ilha se dava por via fluvial. Após a construção da ponte “Sebastião de Oliveira” sobre o Furo das Marinhas em 1976 foi estabelecida a integração com o continente (COSTA, 2007; SALES, 2005).

A seguir, na figura 6, é possível observar uma ilustração dos municípios que compõem a região metropolitana de Belém.

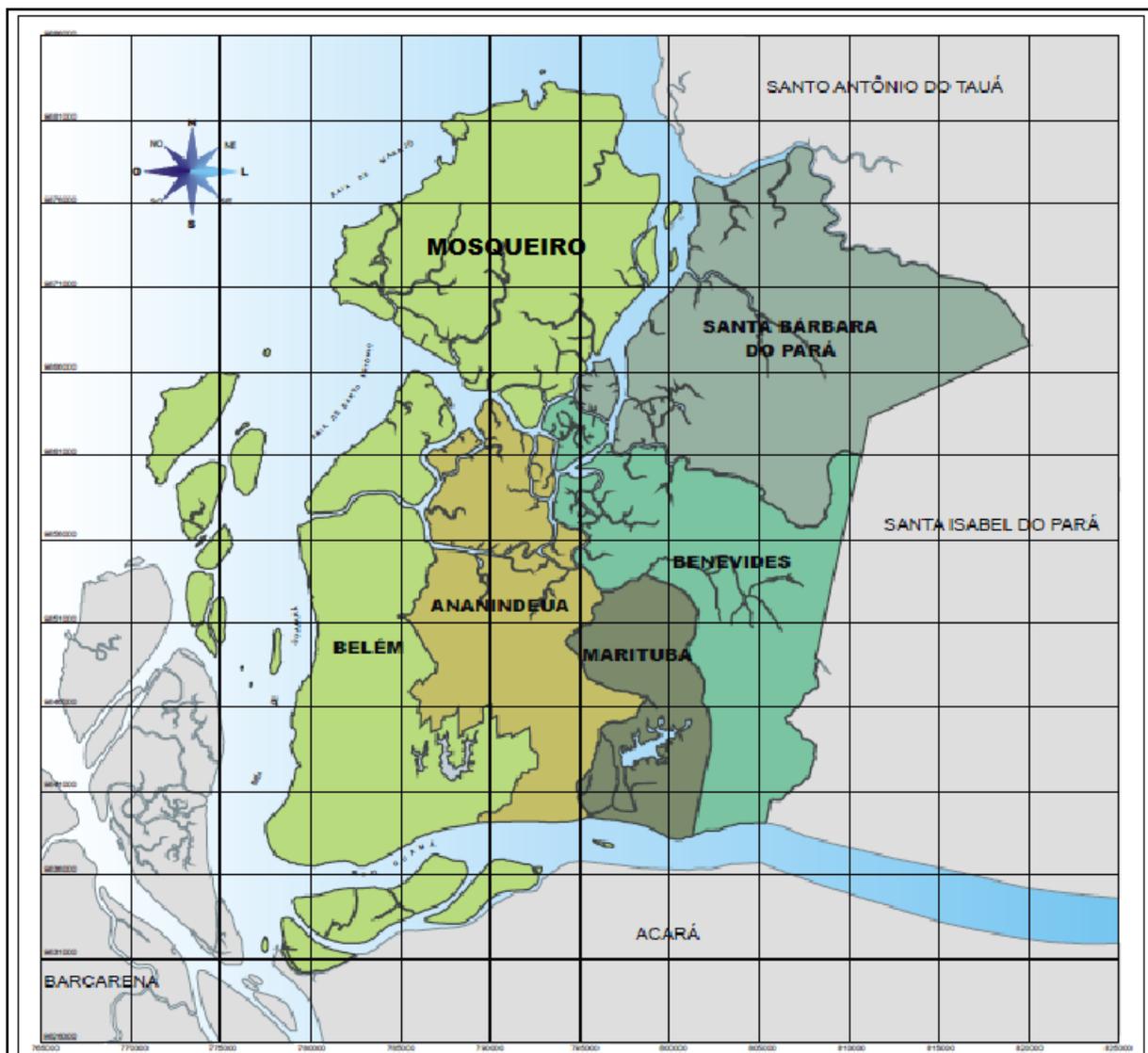


Figura 6: Ilustração da Região metropolitana de Belém

Fonte: Prefeitura Municipal de Belém, Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão – SEGEP

A origem do nome Mosqueiro está relacionada à cultura indígena, acredita-se que o nome desta ilha deriva da palavra moqueio, termo referente a um processo de conservação utilizado pelos índios Tupinambás¹. Essa técnica rudimentar consistia em retirar as vísceras dos peixes e colocá-los sobre uma grelha para que fossem aquecidos em fogo brando até que estivessem completamente tostados. Essa prática garantia que os alimentos permanecessem em boas condições de consumo por um longo tempo (SALES, 2005).

¹ Os Tupinambás (os "filhos de Tupã") fugiram para Mosqueiro após as invasões pelos colonizadores no litoral do nordeste brasileiro, em razão do contato com os estrangeiros sabiam falar a língua comum, o Nheengatu (TAVARES, et al 2006)

Dentre as ilha que compõe o município de Belém, Mosqueiro se destaca por seu valor turístico, sendo referência tanto para a população da capital como para os visitantes da região das ilhas Belém. A importância turística de Mosqueiro consolidou-se na segunda metade do século XX, quando a elite paraense, seguindo as tendências dos europeus que vieram trabalhar em Belém, passaram a usar a ilha reproduzindo “o desejo coletivo pelas praias” (CORBIN, 1989 apud COSTA, 2007). Esse forte desejo se mostrava como uma tendência de turismo e lazer que à época, começava a mudar a dinâmica de viagens na Europa (COSTA, 2007).

Anteriormente o território de Mosqueiro pertencia à Benfica. Atualmente, após a criação da Lei nº 753 de 26 de fevereiro de 1901, a ilha de Mosqueiro foi integrada como distrito de Belém. Este está contido na região nordeste do Estado do Pará e possui uma área de 220Km². Atualmente o principal acesso, como mencionado, dá-se saindo de Belém, pela rodovia BR-316 até o trevo que dá entrada à rodovia PA-391, como é possível observar no mapa a seguir, figura 7.

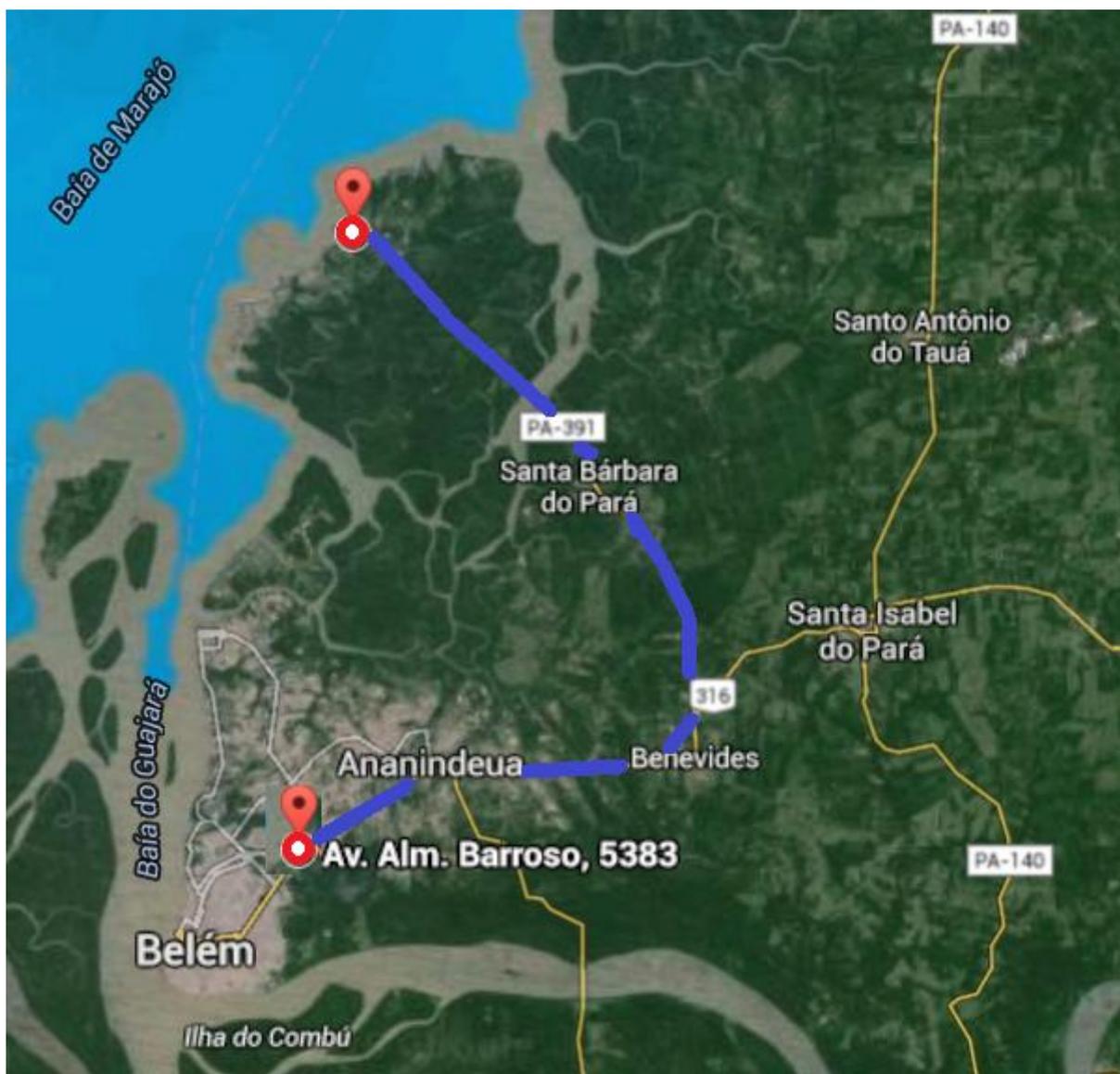


Figura 7: Mapa ilustrando o caminho de Belém até o Cajueiro, Mosqueiro, pela BR-316.
Fonte: Adaptado de Google maps

Do ponto de vista ambiental, Mosqueiro apresenta praias estuarinas e de água doce, que possuem um grande movimento de ondas, características atípicas² consequentes da influência do fluxo de maré da Baía do Sol, do Furo das marinhas, do Furo do Maguari, da Baía do Guajará e da Baía de Santo Antônio (SALES, 2005). Essa característica empresta uma grande atração para a balneabilidade de suas praias. A figura a seguir permite visualizar as diversas praias que compõe a ilha e funcionam como importante atrativo turístico.

² Atípicas, pois é uma área de água doce próxima ao oceano Atlântico e possui um intenso fluxo de maré e, conseqüentemente, uma grande quantidade de ondas incomuns a ambientes dulcícolas.



Figura 8: Círculo vermelho na figura indica a localização da comunidade Cajueiro (entre a praia do São Francisco e Carananduba) e ilustra as praias de Mosqueiro. Com destaque para as praias da Vila, Chapéu virado, Porto Artur e Murubira que são as praias mais visitadas para veraneio.
 Fonte: Adaptado de Prefeitura Municipal de Belém, Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão – SEGEP

2.2 Cajueiro: descrevendo aspectos socioeconômicos

Para iniciar a descrição da comunidade, será feita uma sucinta descrição acerca das características gerais dos indivíduos entrevistados. Dentre as 137 pessoas entrevistadas 53% pertenciam ao sexo masculino e 47% ao feminino.

Os dados coletados evidenciaram que mais de 52 indivíduos possuem menos de 20 anos de idade, sendo considerada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) como jovens, a classe etária de 21 a 31 anos foi a segunda maior com 38 pessoas. Como é possível observar na figura 9, a seguir.

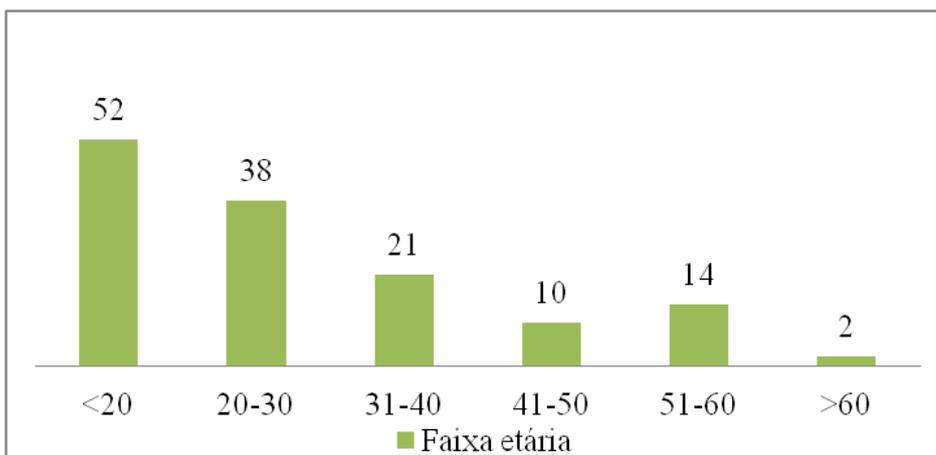


Figura 9: Gráfico da frequência de distribuição entre as diferentes faixas etária

A figura 10 apresenta a composição familiar. Sobre ela pode-se verificar que 44% dos entrevistados possuem de 1 a 3 pessoas vivendo em uma residência e 44% possui de 4 a 5 pessoas. A partir desse dado pode se inferir que os moradores possuem famílias grandes, o que acarreta maiores custos para sustentar a casa. Esse fator pode contribuir para uma maior suscetibilidade dos indivíduos jovens, que são pressionados a trabalhar desde cedo, contribuindo para o abandono escolar e o baixo nível de escolaridade encontrado na área, como será discutido mais adiante.

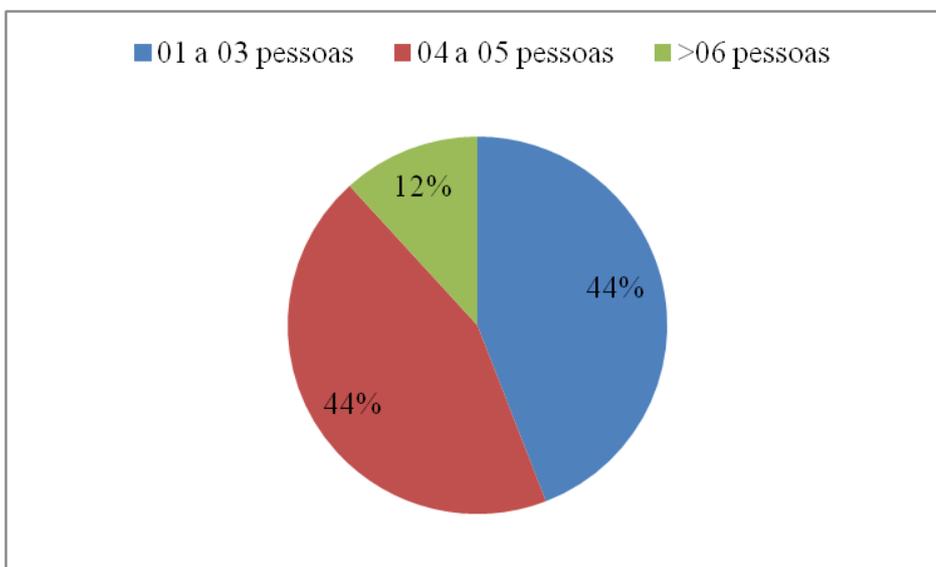


Figura 10: Gráfico do número de pessoas residentes em cada unidade habitacional.

Quanto ao número de famílias em cada residência, à título de definição este trabalho considerou uma família nuclear como aquela composta por pais e seus filhos. Frente a tal definição, a maior parte dos entrevistados, 68%, informou que vive apenas com sua família,

como indica a figura 11. Essa informação é coerente com o tipo de área pesquisada, considerando que o Cajueiro é uma comunidade pesqueira e as famílias ditas tradicionais são aquelas que possuem um homem como chefe de família/provedor, onde as relações familiares são hierarquizadas, sendo o papel da esposa voltado para as atividades domésticas e de cuidado com a casa. Esse é um perfil bastante comum nas áreas rurais, como foi encontrado por Silva (2010) ao pesquisar ribeirinhos numa comunidade do Marajó.

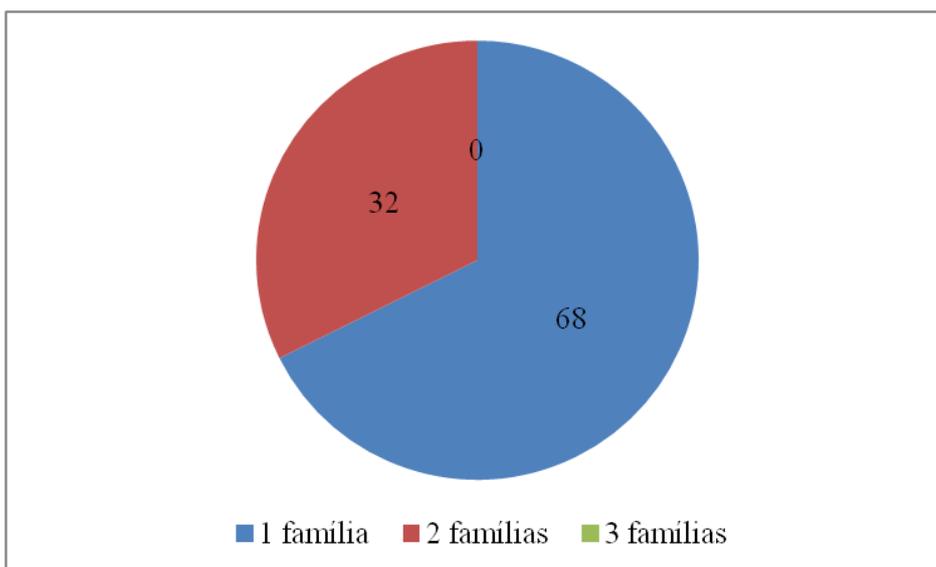


Figura 11: Gráfico do número de famílias nucleares, residindo na mesma unidade habitacional.

Como é possível observar na figura 12 os informantes declaram que residem em casa própria.

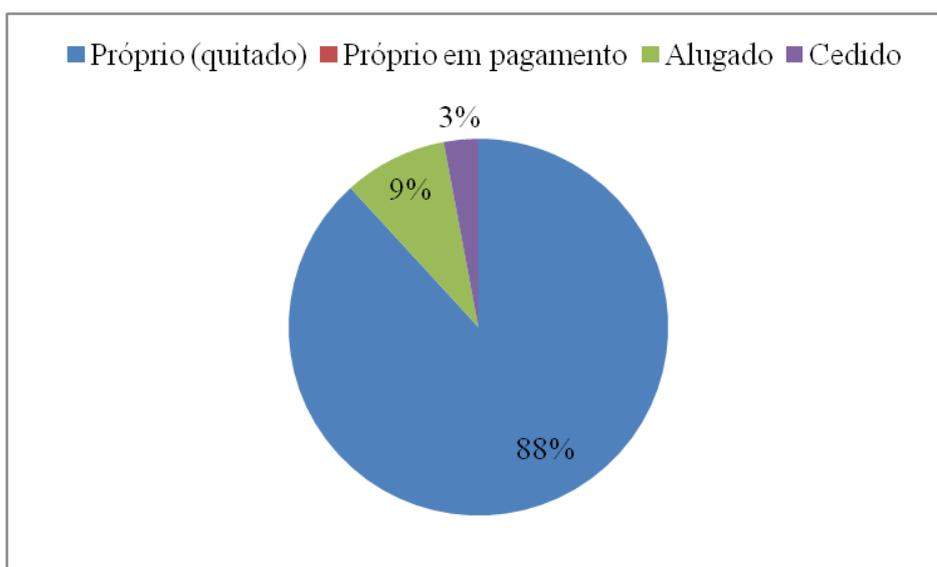


Figura 12: Ilustração da situação dos imóveis na comunidade Cajueiro.

A seguir uma foto ilustrando uma típica residência encontradas na comunidade objeto de estudo (figura 13).



Figura 13: Foto de uma residência na comunidade Cajueiro. A maior parte das moradias na área apresenta esse padrão de construção.

Fonte: Isabelle Chagas em trabalho de campo /2013-14.

É importante observar que a área onde se formou a Vila do Cajueiro resulta de um processo de ocupação irregular que se deu a partir da atividade da pesca, daí as construções tipo palafita³ na beira do rio, aglutinando-se ao redor do porto de desembarque do Cajueiro, que segundo Leão (2010) é um dos principais pontos de desembarque do distrito de Mosqueiro. Essa característica toma contornos ainda mais nítidos quando considerado o tempo de moradia no local, como indica a figura 14. Para esta é possível observar que 29% dos indivíduos informaram que vivem na comunidade entre 10 e 20 anos e 26 % residem há no máximo 10 anos. Esses percentuais somados aos 21% dos entrevistados que informaram

³ Para Ravena-Cañete et al (2011) “a palafita caracteriza-se como um tipo de construção peculiar da Amazônia, especialmente presente nas áreas de várzea, ou mesmo à beira do mar. Tal construção se caracteriza por ser edificada entre 2 a 3 metros acima do solo, ficando protegida das oscilações das águas do rio, ou das marés.”Pág. 4.

viver há mais de 31 anos na Vila do Cajueiro permitem inferir que essa é uma comunidade com uma população pouco rotativa, sendo de fato possível uma formação do ponto de vista geracional.

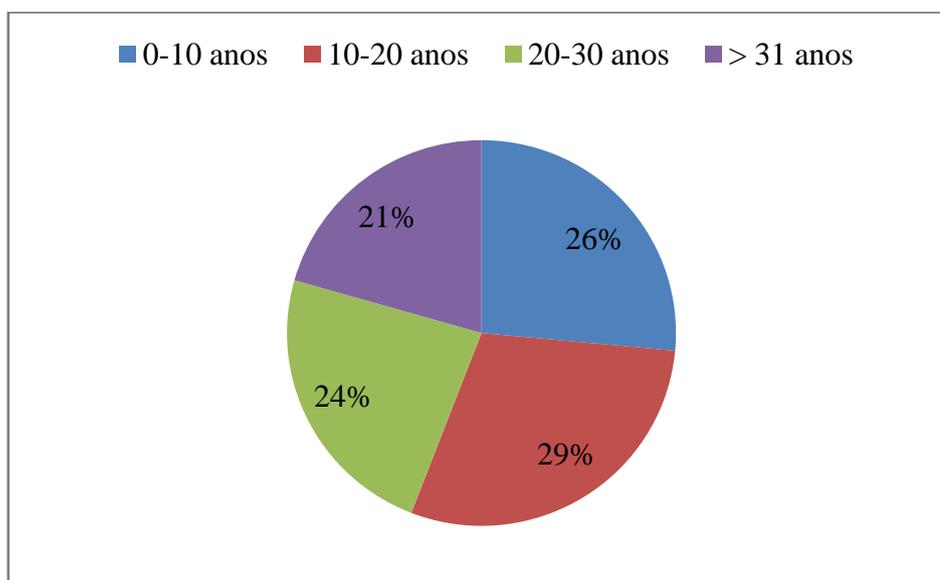


Figura 14: Gráfico do tempo de residência na comunidade Cajueiro.

Outra articulação de informações importantes refere-se à situação dos imóveis no Cajueiro, o tempo de residência na área, as motivações que levaram a migração para o local, que será mostrada adiante, e as declarações dos moradores acerca das mudanças que ocorreram na área nos últimos anos. Articular tais informações permite estabelecer algumas inferências.

A primeira delas refere-se às pessoas que ocuparam esses terrenos há mais de 20 anos, pois, a partir das entrevistas foi possível identificar a fala recorrente sobre o interesse em trabalhar com a pesca ou porque já trabalhavam e consideravam uma área bem localizada para realizar a atividade. De toda forma, pode-se inferir que a atividade da pesca funcionou como o fio principal de uma teia de relações posteriores. Como é possível observar no relato de um morador antigo da área, a seguir.

“Porque no meu tempo lá, a pescaria tem um tempo que ela muda de posição, tem um tempo que tá para lá, tem um tempo que tá pra cá, como...Como aqui é a safra, daqui, agora. Aí, papai ficava ruim

para ele ir para lá. Aí, nós se mudemo para cá. E naquela época, mamãe falava que não tinha estudo. Por exemplo: as meninas queriam estudar aí, lá não tinha, interiorzinho sem nada, um taberna aqui, outra lá longe, lá tinha fartura de uma parte e do outro lado a miséria era constante, era. Para cá aí, já tinha o recurso das coisas a energia que facilitava muita coisa, aí vieram para cá” (Pescador J. S., 35 anos).

Neste relato fica evidente o quanto a força dos laços familiares pode ser um fator impulsor para a migração dos indivíduos, como dito por Peixoto e Egreja (2012). Esta razão é apresentada por outros moradores da área, como é possível observar na figura 15 e é corroborada pela figura 16 que informa a origem dos moradores da área.

Como citado, os dados coletados apontam que são dois os fatores principais que motivaram as mudanças para o Cajueiro: o trabalho com a pesca com 53% e a família com 21%, como é possível observar na figura 15.

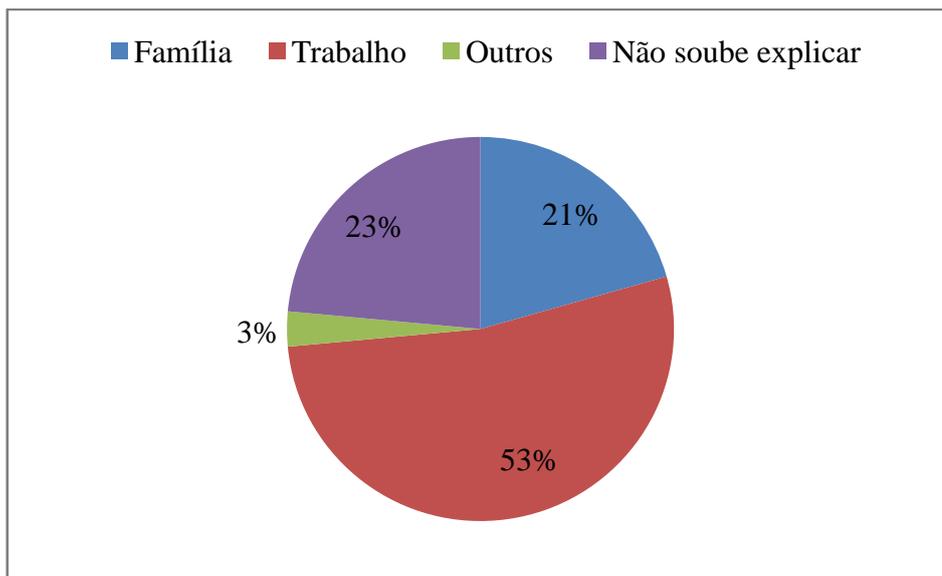


Figura 15: Gráfico das principais motivações para a migração para o Cajueiro.

Apesar de serem duas justificativas diferentes, ao cruzar os dados dos questionários, entrevistas e diálogos, foi possível perceber uma interligação entre esses fatores da seguinte forma: o pescador se mudava para a comunidade parte do ano a fim de estar mais próximo do local de pesca e com o passar do tempo a família nuclear se mudava para acompanhar o chefe da casa, a partir disso outras relações se estabeleciam com a vinda de novos parentes, como irmãos, primos, tios, etc.

O matrimônio entre algum integrante da família recém-chegada na comunidade com outra família da comunidade, também permitia que a comunidade crescesse, desenhando assim a formação de “grandes famílias” no local, como o caso das famílias Rodrigues e Neves. A figura 16 descreve como essas relações sociais, a formação de novas famílias se desenha espacialmente na comunidade. Na figura 16 é possível observar, dentro dos círculos, que as representações das casas são pertencentes a indivíduos da mesma família.

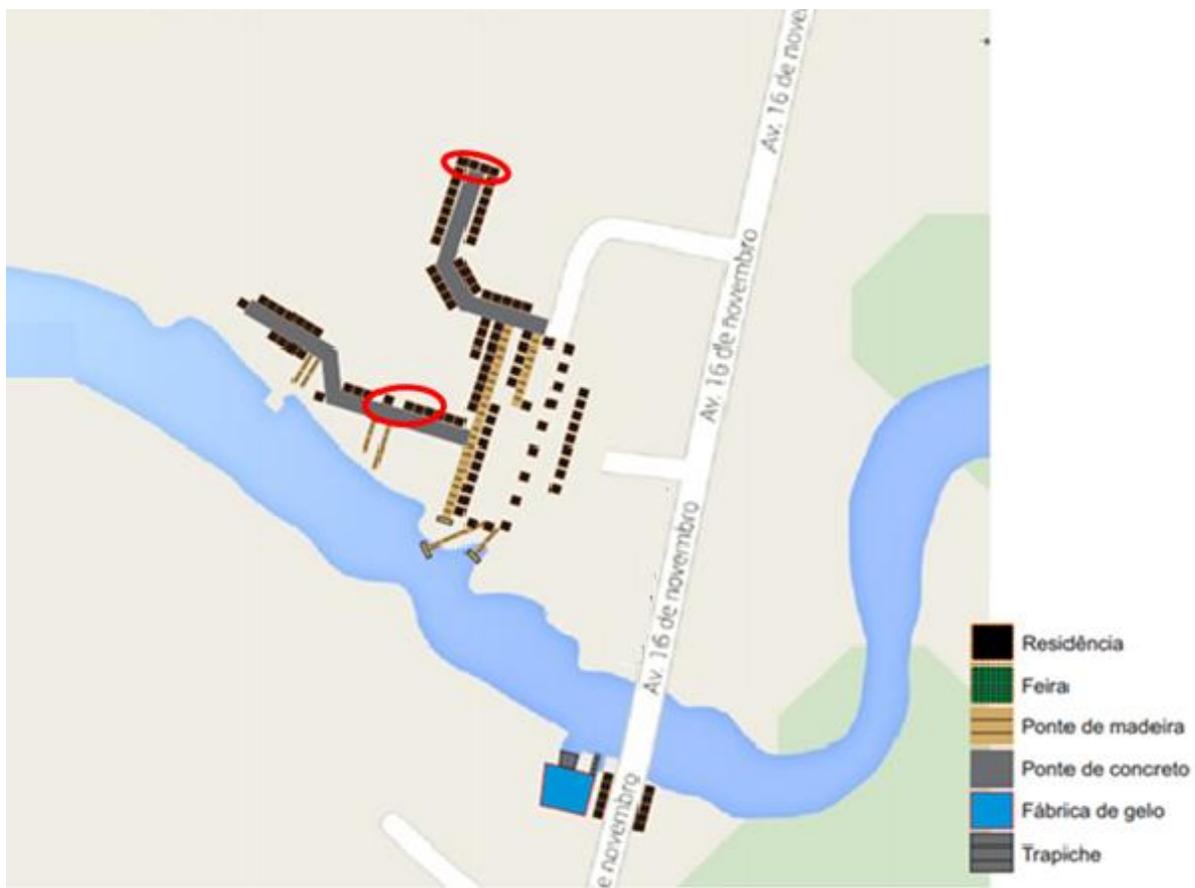


Figura16: Croqui da comunidade Cajueiro, com destaque para os círculos em vermelho que ilustram as unidades habitacionais de duas famílias.

Quando questionados quanto a sua origem, 50% dos indivíduos informaram ser de Mosqueiro, seguidos por 20% de Abaetetuba e 9,5% de Barcarena, como mostra a figura 17. As duas últimas localidades citadas são próximas e também com forte tradição na pesca. Esses resultados confirmam as migrações ocorridas para a comunidade. Esse processo de migração que, em geral, teve início com a vinda do chefe da família e depois a chegada de sua família, também foi descrito por Moreira (1993) ao estudar uma vila de pescadores na ilha de

Marudá. Os motivos encontrados nesse estudo estavam associados às melhores condições de trabalho para sustentar a família na nova localidade, além de que em Marudá havia melhores condições de se estabelecer, como serviços básicos de educação e saúde. Processo semelhante se estabeleceu no Cajueiro, pois os indivíduos declararam que se mudaram para a área para seguir a família, ou para trabalhar, e isso se dá em razão da grande importância da ponte do Cajueiro como ponto de desembarque e boa localização em relação a outras áreas de comercialização de pescado.

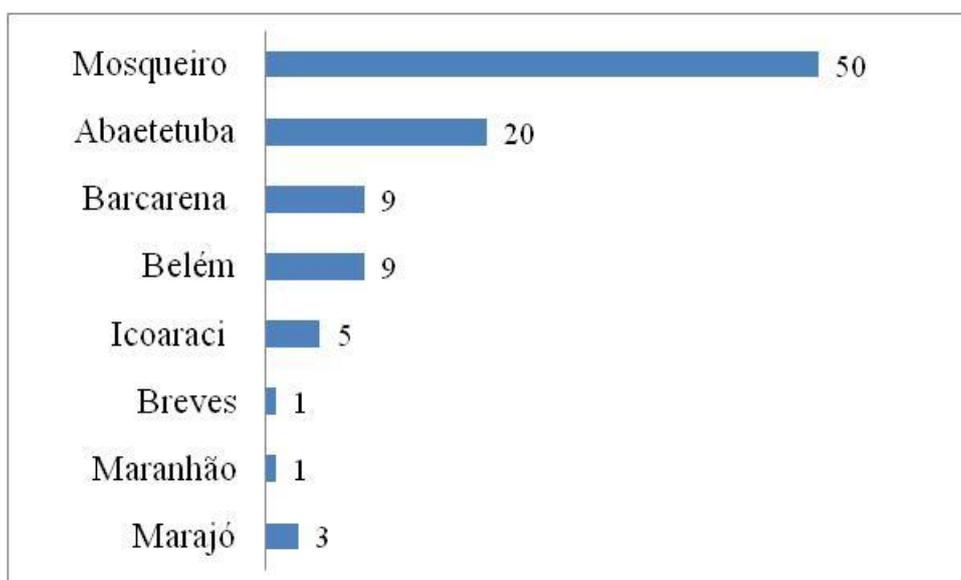


Figura 17: Gráfico da frequência de distribuição dos residentes pela localidade de origem.

Essa migração para o Cajueiro se refletiu em mudanças na paisagem e também no número de pescadores na área, como é possível ver na descrição de um morador a seguir.

“Aqui onde a gente tá aqui, só tinha um caminho, isso aqui só era uma mata. Aqui, bem poucas casa para cá, as ponte, para cá, tudo de açazeiro, as ponte de açazeiro. Bem poucas casa. As pessoas do cafezal, que moravam ali, de Barcarena para cima, ali na boca chamado Barroso, só ele que morava ali. Era de criança, só tinha ele mesmo, crescemo junto com os filhos dele. Não tinha nada, só mato mesmo. Pescador!? Papai contava com o dedo uns cinco barcos, que tinha de pescador. Papai tinha um dele, outro meu tio tinha outro, Porfírio que naquele tempo, era o manda-chuva, que era o que tinha mais barco, o João, ali, que tinha uns barco melhor, bem pouco mesmo.”(Pescador J. S., 35 anos).

Diante desse relato, é perceptível que o processo de ocupação irregular que ocorreu na área contribuiu positivamente para o desmatamento da área e para o aumento dos problemas ambientais, além da diminuição dos recursos naturais para a extração, como o açaí. E, também, sobrecarregou a pesca na área, dada a grande quantidade de matapis e de barcos de pesca, como será discutido mais adiante.

Isaac e Barthem (1995) expõe que a pesca antes do processo de profissionalização da pesca, que se deu em razão da modernização da pesca no Pará depois da década de 1980 o processo que será melhor explicitado no capítulo 3, era uma atividade complementar com atividades agrícolas e extrativas, no entanto o esgotamento de recursos extrativos, o aumento na demanda de pescado e a pressão urbana, foram fatores que contribuíram para tornar a pesca como única atividade para garantir o sustento.

Woortmann (1991) ao estudar uma comunidade pesqueira no litoral do Rio Grande do Norte, ressaltou que a apropriação dos espaços utilizados para o cultivo e para atividades extrativas foram fatores que contribuíram para o grande incremento no número de pescadores. Processo semelhante pode ser observado no Cajueiro, pois as áreas para atividades extrativas são cada vez menores em razão do intenso desmatamento pela ocupação desordenada.

“Olha! A pescaria quando eu comecei a pescar com o papai, eu e ele mais o meu outro tio, quando a gente pegava 100kg de peixe, papai ficava: olha! Bora sair daqui que já falhou. E hoje em dia, tem tanto pescador, tem tanta rede, tem tanto barco, que hoje em dia num espaço de mil metros se põe 5 ou 6 redes que é só uma atrapalhão, quando a gente pega 100kg tem que vim escondido, porque se o outro souber, no outro dia tu não trabalha mais. Tá um caos, ta parece o trânsito de São Paulo, 5 carros parados, é assim que tá a pescaria. Tá uma coisa desconforme, já teve o tempo da vaca gorda, como diz meu pai, tempo mesmo que a vaca dava leite a vontade, que a gente pescava sozinho e muito peixe, muita benção.”(Pescador J. S., 35 anos).

Esse relato sobre a diminuição na produção aparece algo recorrente na fala dos moradores, tantos os indivíduos que trabalham diretamente pescando, como os que compõem a família destes, sentem as dificuldades que seus pais, maridos e esposos passam. No relato a seguir é possível observar isso.

“Antes já teve em abundância, hoje já é mais dificultoso. Porque na época do meu pai, ele ia numas pedras logo aqui atrás, que não sei exatamente o nome, que eles pescavam e traziam peixe de cardume. Hoje eles têm que passar 12 horas viajando para pescar e quando retornam não trazem a quantidade esperada.” (Esposa de pescador S.C., 42 anos).

Nessa transcrição percebe-se um forte descontentamento com a pesca, enquanto uma atividade perigosa, insalubre, com poucas garantias de sucesso, entre outros fatores. No entanto, vários fatores contribuem para que esses pescadores não consigam mudar de atividade, desde o baixo nível de escolaridade, como será discutido a seguir, até a tradição da atividade na família como será exposto no capítulo quatro.

Quanto ao nível de escolaridade, os dados encontrados nessa pesquisa demonstram que a maioria dos entrevistados não estudava mais (84) e os demais ainda frequentavam a escola (48). É necessário destacar que esses totais correspondem a um número menor que o total amostrado (137), pois os indivíduos que não possuíam idade para frequentar a escola foram desconsiderados dessa análise.

Para a análise da escolaridade foram criadas duas categorias, a primeira é a de “não-estudantes” e dentro desta o percentual de indivíduos que possui apenas o ensino fundamental incompleto é de 73%. Na segunda categoria, a de “estudantes” o percentual foi de 85% dos indivíduos cursando o ensino fundamental, como é possível observar nas figuras 18 e 19. Os moradores da área possuem um baixo nível de escolaridade e isso se dá por vários fatores, como os obstáculos para o acesso à educação das gerações anteriores e a impossibilidade de conciliar com o tempo do trabalho, seja esse doméstico ou fora da casa.

Essas dificuldades acabam por se refletir na impossibilidade de crescimento financeiro e na mudança de atividade profissional, como demonstrado por Ravena-Cañete et al (2011) ao estudar a comunidade Bonifácio em Bragança, a autora discorre sobre as dificuldades de acesso a educação e ainda explica o fato da formação escolar não influenciar ou aumentar as possibilidades de ascensão financeira, pois na área não existia outras opções de atividade econômica a não ser a pesca e o turismo.

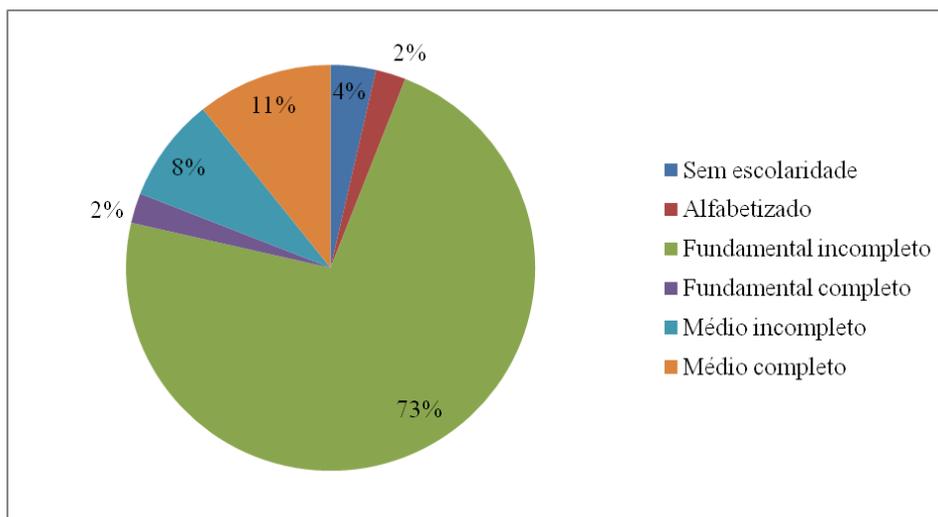


Figura 18: Gráfico da frequência de distribuição pelo nível de escolaridade dos moradores não-estudantes.

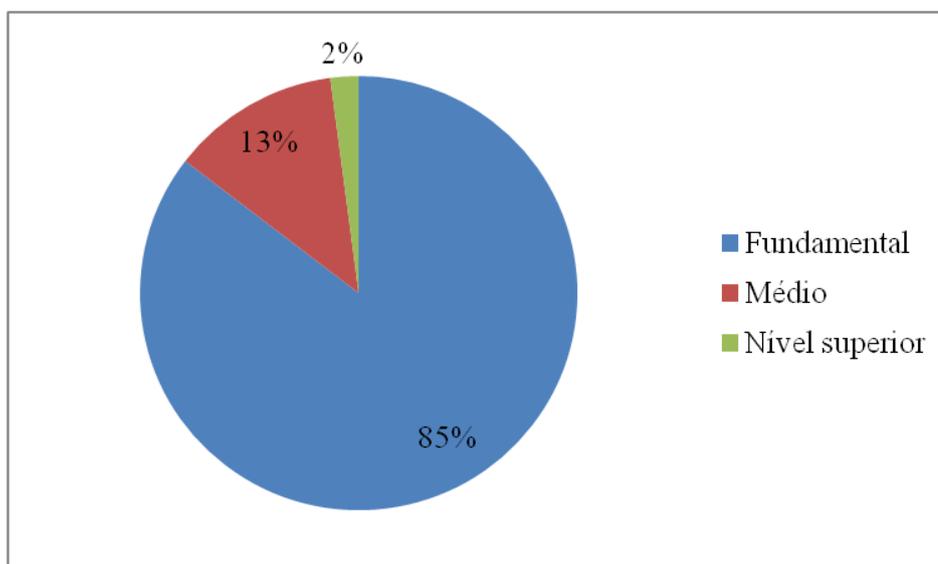


Figura 19: Gráfico da distribuição de frequência pelo nível de escolaridade dos moradores estudantes.

Na área estudada, a ocupação mais declarada foi a de estudantes, de pescadores e de domésticas, estas devem ser entendidas como mulheres que cuidavam da própria casa, como é observado na figura 20. Esses resultados eram esperados, pois, o local se apresenta como uma comunidade pesqueira, portanto a pesca é uma das poucas atividades que oferecem uma fonte de renda, como dito por Ravena-Cañete et al (2011)⁴, além desta atividade apresentar um caráter tradicional e ser repassada/ensinada dentro da própria família, seja pelo pai ou por um

⁴Ravena-Cañete et al (2011) discorre, para os cenários de comunidades pesqueiras de áreas estuarinas do salgado paraense que “o sistema de pesca/comercialização encontra-se orientado, também, por regras de parentesco.”

irmão mais velho ou por algum parente considerado, hierarquicamente, superior, como é observado nos relatos a seguir.

“Isso aí é família, de avô para pai e de pai para filho.”
(Pescador J. S., 35 anos).

“Foi meu irmão que me levou para trabalhar com a pesca.” (Pescador I. B., 29 anos).

O fato das mulheres se declararem como responsáveis pelas atividades domésticas, ainda que trabalhem com alguma pesca ou revenda, como a pesca de matapi ou outra atividade econômica, perpassa por várias razões. Uma delas reside na construção cultural da divisão de trabalho entre gêneros, pois essa divisão é muito marcada e forte nas comunidades pesqueiras. Portanto, para analisar o setor pesqueiro pela ótica de gênero faz-se necessário considerar os atores envolvidos e as naturalizações relacionadas às representações de gênero e a identidade social (MANESCHY et al 2012). Diante disso, o papel da mulher/esposa é de cuidar da casa, do marido, da educação dos filhos e dos parentes, e mostrar essa dedicação é motivo de orgulho, enquanto ao homem cabe prover o sustento da família (CAVALCANTI, 2010).

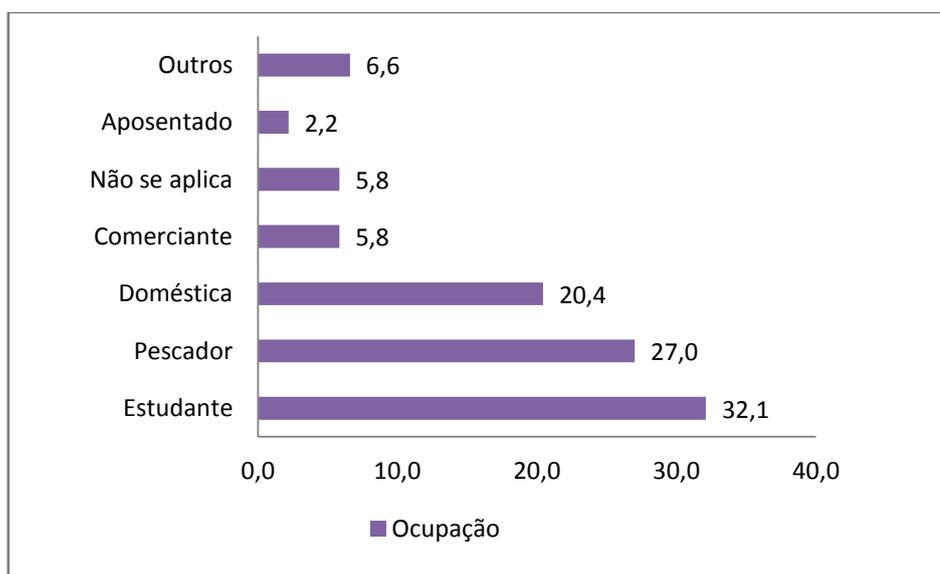


Figura 20: Gráfico da distribuição dos entrevistados pela ocupação declarada.

Ao cruzarmos os dados sobre a escolaridade e profissão, observa-se que 22,07% dos pescadores possuem o ensino fundamental incompleto, de um total de 27%. O segundo maior registro de ocupação foi o de serviços domésticos com 20,4% e 13,1% desta amostra possuem o ens. fundamental incompleto. Como já mencionado, a população em idade adulta possui um baixo índice de escolaridade, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 1: Escolaridade dos entrevistados por ocupação.

Ocupação	Escolaridade							Não se aplica	Total
	Sem esc.	Alf.	Fund. incompleto	Fund. completo	Médio incompleto	Médio completo			
Aposentado	0,7	0,0	0,7	0,0	0,7	0,0	0,0	0,2	
Carpinteiro	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	
Comerciante	0,7	,0	2,9	0,0	0,7	1,5	0,0	0,8	
Cozinheira	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	
Desempregado	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	
Estudante	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	32,1	2,1	
Funcionário público	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	,7	
Manicure	0,0	0,0	0,7	0,0	0,7	0,0	0,0	0,5	
Marreteiro	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,7	
Não se aplica	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	5,1	0,8	
Pescador	0,0	1,5	22,6	0,7	0,0	2,2	0,0	7,0	
Repositor de alimentos	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	
Serviços domésticos	0,7	0,0	13,1	0,7	2,9	1,5	1,5	0,4	
Vendedora	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	
Total	2,2	1,5	44,5	1,5	5,1	6,6	38,7	100,0	

Este baixo índice de escolaridade entre os pescadores, são corroborados pelos resultados encontrados por Alencar e Maia (2011), que afirmam que 70% dos pescadores da região norte possuem apenas o ensino fundamental incompleto e foram similares aos encontrados por Leão (2011) ao investigar os pescadores de Mosqueiro.

Ao comparar o nível de escolaridade com os sexos, observa-se que o número de indivíduos do sexo masculino que possuem o ensino fundamental incompleto é de 24,8% e o

percentual de pessoas do sexo feminino é 19,7%. Esse dado demonstra que mesmo que haja dificuldade de acesso ao ensino para todos dessa população, aparentemente, as dificuldades para as mulheres são maiores, considerando que as atividades domésticas e outras que são atribuídas como obrigações das mesmas consomem integralmente o seu tempo. Além disso, o acesso à educação não é considerado essencial, em conversas informais na comunidade, houve relatos de mulheres que não estudavam, pois seus maridos não permitiam. A tabela 2, a seguir, é elucidativa.

Tabela 2: Informa o perfil de escolaridade com o sexo biológico.

Escolaridade	Sexo		Total	Sexo %		Total
	Masculino	Feminino		Masculino	Feminino	
Sem escolaridade	2	1	3	1,5	0,7	2,2
Alfabetizado	2	0	2	1,5	0,0	1,5
Fund. Incompleto	34	27	61	24,8	19,7	44,5
Fund. Completo	1	1	2	0,7	0,7	1,5
Médio incompleto	1	6	7	0,7	4,4	5,1
Médio completo	6	3	9	4,4	2,2	6,6
Não se aplica	27	26	53	19,7	19,0	38,7
Total	73	64	137	53,3	46,7	100,0

Ao compararmos o perfil de ocupação com o sexo, observa-se que 32,1% dos indivíduos entrevistados são estudantes e a maioria do sexo masculino, com 16,8%. Os homens também são maioria entre os pescadores, com 24,8% do total e na terceira maior ocupação declarada, a de serviços domésticos, todos os indivíduos pertencem ao sexo feminino.

Esses dados corroboram o que é exposto na literatura (MANESCHY et al 2012; CAVALCANTI, 2010; CARDOSO, 2002) sobre o papel do homem como o arrimo da família nas comunidades pesqueiras ou rurais, como já citado, e das mulheres como responsáveis por cuidar da família. Isso se reflete na forma como as mulheres se veem, pois nas conversas e nos dados coletados notou-se a existência de uma resistência/restrição entre a maioria das

mulheres para se declararem como pescadoras, mesmo entre as que usavam o matapi⁵, recebiam benefícios ou eram aposentadas como pescadoras, declaravam que sua ocupação principal era a de “cuidar da casa”.

Como já citado, esse comportamento pode ser um reflexo da pesca ser vista essencialmente como masculina, sendo designado para as mulheres simplesmente o auxílio aos seus companheiros (MOTTA-MAUÉS, 1999) e que é considerada responsabilidade do homem prover o sustento da família e a obrigação da mulher é cuidar das atividades domésticas e da educação dos filhos (CAVALCANTI, 2010). Tal relação reforça o desenho sexista que ainda marca a pesca como atividade de trabalho. Isso se dá, pois é comum que nas comunidades de pescadores a gestão da comunidade seja baseada nas relações de gênero, existe uma divisão sexual nas atividades. Em geral, os trabalhos produtivos estão associados aos homens e os reprodutivos às mulheres. O trabalho feminino está associado ao setor privado/doméstico e o do homem ao público/mar. Esses papéis são muito bem demarcados nas comunidades tradicionais⁶, aos homens cabe o sustento da casa e às mulheres cabem os cuidados domésticos. O investimento social e a valorização da atividade exercida no domínio público são maiores e assim a atividade desenvolvida pelas mulheres passa a ser desvalorizada (MACHADO, 2010; WOORTMAN, 1991).

Portanto, é compreensível que as mulheres do Cajueiro se sintam mais a vontade declarando que se dedicam a cuidar do lar e de seus filhos, como indicam os totais da tabela 3.

Tabela 3: Perfil de ocupação com o sexo.

	Sexo			Sexo %		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
Aposentado	2	1	3	1,5	0,7	2,2
Carpinteiro	1	0	1	0,7	0,0	0,7
Comerciante	4	4	8	2,9	2,9	5,8
Cozinheira	0	1	1	0,0	0,7	0,7
Desempregado	1	0	1	0,7	0,0	0,7
Estudante	23	21	44	16,8	15,3	32,1

⁵ É uma armadilha muito utilizada na captura de camarões, em geral é confeccionada com varetas finas amarradas em forma de um cilindro e em cada extremidade possui uma estrutura de funil (BENTES, 2011).

⁶ Não cabe aqui discutir o conceito de comunidade tradicional, mas vale ressaltar que estas se definem como comunidades que são polarizadas por atividades tradicionais como pesca, agricultura, extrativismo, entre outras. É normal encontrar essa divisão de sob a perspectiva de gênero (SILVA, 2010).

Funcionário público	1	0	1	0,7	0,0	0,7
Manicure	0	2	2	0,0	1,5	1,5
Marreteiro	1	0	1	0,7	0,0	0,7
Não se aplica	5	3	8	3,6	2,2	5,8
Pescador	34	3	37	24,8	2,2	27,0
Repositor	1	0	1	0,7	0,0	0,7
Serviços domésticos	0	28	28	0,0	20,4	20,4
Vendedora	0	1	1	0,0	0,7	0,7
Total	73	64	137	53,3	46,7	100,0

Ao observar toda a amostra analisada, percebe-se que mais de 50% dos entrevistados declararam não possuir renda (Figura 21). Mas, nos diálogos informais com os mesmos, é perceptível um baixo controle sobre a renda, tendo em vista que mesmo os que possuem um comércio pequeno ou recebem algum rendimento intermitente, como o seguro defeso, não se declaram como possuindo uma fonte de receita.

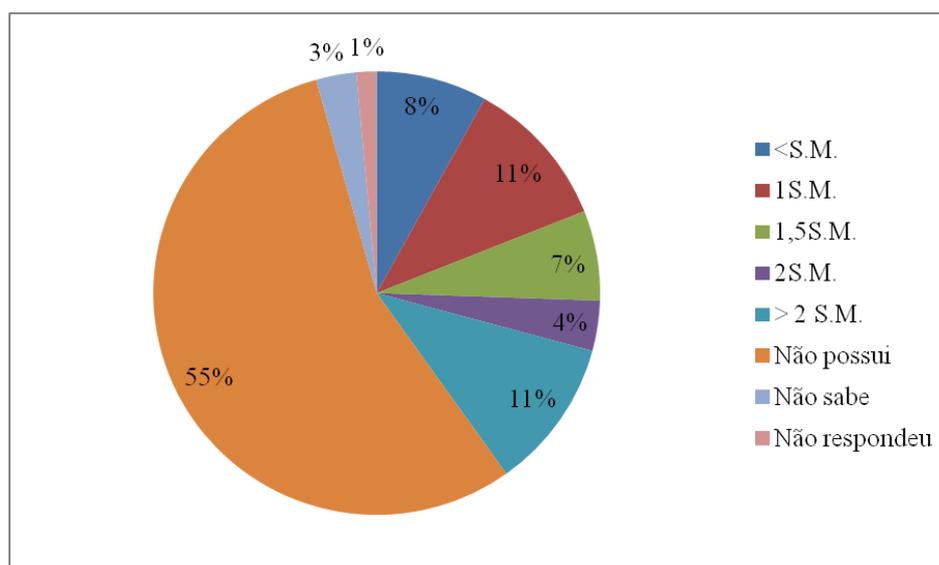


Figura 21: Gráfico da distribuição dos moradores pela renda em salário mínimo declarada.

Ao cruzar a renda declarada pelos entrevistados em salários mínimos com suas ocupações, observar-se que a atividade que agrega maior valor à renda é a pesca, contribuindo com 27% do sustento das famílias. Do total de entrevistados, 8% dos pescadores declaram renda acima de dois salários mínimos e 5,8% afirmam receber um salário e meio. A partir desses dados, é possível notar a importância da pesca como eixo estruturador dessa

comunidade e como atividade polarizadora dos indivíduos da área, como identificado por Ravena-Cañete et al 2011⁷.

Tabela 4: Perfil de ocupação com a renda.

Ocupação	Renda em S.M.					Não possui	Não sabe	Não respondeu	Total
	S.M.	S.M.	1,5S.M.	S.M.	> 2 S.M.				
Aposentado	0,0	0,5	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	2,2
Carpinteiro	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,7
Comerciante	0,6	0,7	0,7	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	5,8
Cozinheira	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7
Desempregado	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,7
Estudante	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	32,1	0,0	0,0	32,1
Func. Público	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,7
Manicure	0,7	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,5
Marreteiro	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,7
Não se aplica	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	5,8	0,0	0,0	5,8
Pescador	1,5	5,1	5,8	3,6	8,0	0,0	1,5	1,5	27,0
Repositor	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7
Serv. domésticos	1,5	1,5	0,0	0,0	0,0	16,8	0,7	0,0	20,4
Vendedora	0,0	0,7	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,7
Total	8,0	0,9	6,6	3,6	10,9	55,5	2,9	1,5	100,0

Ao cruzar os dados da renda declarada com o sexo dos entrevistados, observa-se que 28,5% dos homens possuem alguma fonte de renda contra apenas 11,68% das mulheres. Ao se comparar os dados sobre a renda acima de dois salários mínimos nota-se que a participação feminina é ainda menor, com apenas 0,73% de um total de 10,95%, o que reforça o papel do homem como chefe da casa, como já exposto.

⁷ Ravena-Cañete et al 2011, ao estudar a região do salgado paraense constatou que o nível de escolaridade não aumenta as perspectivas de ascensão econômica dos indivíduos, pois nessas áreas são poucas as opções de atividades econômicas. Portanto, “A atividade da pesca vem marcando geracionalmente a população da localidade, assim como marca as relações parentais.” pág. 5.

Tabela 5: Perfil de renda com o sexo.

	Sexo			Sexo%			
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total	
Renda em S.M.	<S.M.	3	8	11	2,19	5,84	8,03
	1S.M.	11	4	15	8,03	2,92	10,95
	1,5S.M.	8	1	9	5,84	0,73	6,57
	2S.M.	3	2	5	2,19	1,46	3,65
	> 2 S.M.	14	1	15	10,22	0,73	10,95
	Não possui	29	47	76	21,17	34,31	55,47
	Não sabe	3	1	4	2,19	0,73	2,92
	Não respondeu	2	0	2	1,46	0,00	1,46
	Total	73	64	137	53,28	46,72	100,00

Diante das informações apresentadas é possível mensurar a importância da atividade da pesca como estruturadora da comunidade Cajueiro, desde fator motivador da migração de grande parte dos moradores de municípios que possuem forte tradição com a pesca, como Abaetetuba e Barcarena. E também como a atividade que mais gera receita para a área, pois foi uma das ocupações mais declaradas e a que mais agregava renda para as famílias.

O baixo nível de escolaridade encontrado na comunidade pode ser influenciado por inúmeros fatores, um deles é a dificuldade de acesso à escola, a dificuldade de conciliar o trabalho com a escola, dentre outros.

Os tipos de famílias da comunidade são considerados tradicionais, onde o homem é responsável por sustentar a casa e a mulher por cuidar da família, o que caracteriza uma forte divisão de atribuições e obrigações baseado nos gêneros, como é comum em áreas rurais ou ribeirinhas.

A pesca possui uma forte tradição entre as famílias, como será discutido no capítulo 3, a seguir, o que contribui para que os indivíduos permaneçam na atividade mesmo com as dificuldades relatadas.

CAPÍTULO 3: O Cajueiro e a Pesca

Este capítulo tem por objetivo descrever como as políticas de manejo desenvolvidas pelas políticas públicas brasileiras influenciaram no processo de modernização da pesca. O capítulo descreve, assim, como a modernização da pesca na região amazônica afetou o cenário da pesca artesanal e promoveu a exploração excessiva dos recursos pesqueiros. Por fim, o capítulo caracteriza como se desenha a pesca no Cajueiro, quanto ao tipo, os apetrechos utilizados e a forma de comercialização do pescado.

3.1 Planejamento e manejo para cenários de sobreexploração na pesca

Historicamente a utilização dos recursos pesqueiros, nível global, se encaminha para patamares de sobreexploração. Para Fonteles-Filho (1994), esse processo é consequência das medidas aplicadas como o aumento da área explorada, incremento no tamanho dos barcos, acréscimo na potência dos motores e expansão da capacidade de armazenamento. São alterações que podem ser entendidas como um aumento no esforço de pesca, esse processo pressiona os estoques pesqueiros, em razão da inserção tecnológica e do aumento da demanda (CHAPMAN, 1989 apud ISAAC e BARTHEM, 1995), levando-os muitas vezes ao colapso. Nesse sentido, uma das finalidades da regularização da atividade pesqueira é a de tentar conter a sobre exploração do recurso, no entanto, a ampla distribuição, a falta de controle sobre a inserção de novos membros (pescadores), entre outras condicionantes, anulam ou tornam eficazes as medidas aplicadas. Então, para que haja sucesso na gestão do setor pesqueiro é necessário garantir que as medidas planejadas para o setor sejam cumpridas pelos atores desse setor, como os pescadores, os empresários da pesca, os armadores, dentre outros (SILVA e FONTELES-FILHO, 2011).

No entanto, as políticas públicas de ordenamento pesqueiro não são desenvolvidas integrando e mediando todos os interesses e conflitos existentes. Para que essas sejam eficazes se faz necessário integrar a organização local em um sistema horizontal de gestão (OVIEDO, 2003). É preciso integrar diversos campos do conhecimento e os processos sociais relacionados ao uso dos recursos naturais, a fim de compreender as constantes mudanças no consumo e no ambiente (CASTRO, 2011).

Para elaborar políticas públicas eficazes é indispensável considerar a cultura, o envolvimento da comunidade, o regime de propriedade, dentre outros fatores, pois a conservação dos recursos não está relacionada, exclusivamente a limitar o acesso ao mesmo (FEENNY et al, 2001). No entanto, as políticas para o setor pesqueiro desenvolvidas pelo Estado são elaboradas sem considerar o conhecimento tradicional, desconsiderando o poder endógeno das comunidades de administrar os recursos de uso comum (OSTROM, 2002).

No Brasil, a legislação pesqueira foi baseada no direito agrário e o recurso pesqueiro considerado um produto agropecuário. Assim, as políticas de ordenamento incentivam o aumento da produção com aumento do esforço de pesca, o que esclarece o caráter produtivista desse ordenamento. Diante desse descompasso, faz-se necessário criar uma legislação exclusiva para o setor pesqueiro e que seja voltado para o desenvolvimento sustentável, voltado, assim, à promoção de condições adequadas para um manejo eficiente (CAMARGO, 2012). No caso amazônico, em especial é importante pensar um modelo de manejo coerente com a realidade, pois os recursos pesqueiros de água doce estão sofrendo uma maior exploração em razão dos conflitos de pescadores, do aumento do esforço de pesca e da demanda de mercado (MERONA, 1995).

Nesse processo de construção é necessário incorporar a dimensão gênero, o conhecimento tradicional feminino é importante e deve ser considerado, pois as mulheres nas comunidades estão envolvidas em vários momentos da atividade da pesca e estão mais envolvidas com o ambiente pela multiplicidade de atividades que realizam (PALHETA, 2013). A partir dessa dinâmica é que a comunidade se estrutura, se adapta e cria estratégias para preservar os recursos de uso comum. No entanto, “políticas setoriais têm sido incipientes na incorporação da dimensão de gênero” (MANESCHY et al, 2012)

3.2 Modernização da pesca na Amazônia

Na região amazônica, não há consenso quanto aos primeiros registros de atividade da pesca. Alguns autores apontam que esta atividade está vinculada à chegada dos portugueses, mediante a criação dos pesqueiros reais. No período pré-colonial as espécies que mais tinham importância para o consumo eram o Pirarucu *Arapaima gigas*, o Peixe-boi *Trichechus inunguis* e tartaruga *Podocnemis expansa* (FREITAS e RIVAS, 2006; SANTOS e SANTOS, 2005). No entanto, outros autores consideram que os primeiros registros de pesca

estão relacionados anteriormente ao período pré-colonial, há mais de 8.000 anos, em razão da expansão populacional ter ocorrido ao redor dos rios amazônicos e seus tributários.

Independente de sua origem histórica é importante frisar que a pesca vigora como uma importante atividade para garantir a segurança alimentar e como fonte de receita para o homem amazônico, há tempos (MEEGGERS, 1977 apud SANTOS E SANTOS, 2005).

A atividade da pesca pode ser dividida em 4 categorias, de acordo com o grau de profissionalismo dos agentes envolvidos, a capacidade de captura e o uso desse recurso, podendo ser classificada em: pesca industrial, pesca esportiva, pesca de subsistência e pesca artesanal (BARTHEM, et al 1997).

A pesca artesanal figura como a mais realizada na Amazônia, sendo caracterizada como de menor escala, é uma das atividades mais importantes para as populações da região, pois possui um importante papel no desenvolvimento econômico e na geração de receita (SANTOS, 2006; ISAAC e BARTHEM, 1995). Na região Amazônica 88,7% da captura é oriunda da pesca artesanal (IBAMA, 2007). No entanto, nos últimos anos, ocorreram grandes mudanças no cenário da pesca em consequência da diminuição das populações naturais de peixes, proveniente da degradação ambiental e da pesca excessiva (FONTELES-FILHO, 2011).

Uma das razões que acarretaram a sobre exploração dos recursos pesqueiros no Brasil foram provenientes da política de incentivo à produção pesqueira que teve início na década de 1960, com a criação Superintendência do Desenvolvimento da Pesca- Sudepe (MAIA e PEREIRA, 2010). Esse órgão teve por objetivo modernizar a atividade pesqueira e o fez através de incentivos fiscais para a instalação de indústrias de pesca. Tal implantação ocasionou uma situação de conflito entre a pesca industrial e a artesanal. Diante das dificuldades de compreender esse setor e suas peculiaridades, os trabalhos das ciências sociais sobre a pesca ganharam destaque. Assim, a partir desse período as ciências sociais começaram a ser mais expressivas no estudo da pesca, desassociando esse campo de investigação das tradicionais pesquisas e produção intelectual sobre as áreas rurais. Nesse momento ocorreram, ainda, diversas mudanças sociais nas comunidades de pescadores, consequência da modernização implantada pelo governo brasileiro (DIEGUES, 1999).

Essa mudança de cenário, em decorrência da modernização da indústria da pesca, alcançou primeiramente as regiões sul e sudeste. Após a sobre exploração dessas áreas, essas

empresas deslocarem-se, algumas delas para a região norte, em meados de 1980. A partir de então começaram as mudanças no cenário da pesca da região amazônica (DIEGUES, 1999).

Uma das mudanças que se destaca refere-se à criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) em 1989, no momento em que passou a existir uma preocupação maior com o nível dos estoques pesqueiros (MAIA e PEREIRA, 2010).

Segundo Merona (1993) a pesca na região amazônica na década de 1980 caracterizava-se pelo baixo índice de exportação, a produção era destinada a atender o mercado interno, a modalidade de pesca mais praticada era a artesanal, e a única pesca realmente industrial era a da Piramutaba *Brachyplatystoma vaillanti*.

O processo de modernização da pesca na região norte teve início com a criação da SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) em 1953 que depois passou a ser denominada SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) em 1966, o objetivo principal dessa superintendência era expandir o setor pesqueiro na região por meio da sistematização dos conhecimentos da fauna ictiológica e da modernização das técnicas de captura. O marco inicial desse processo foi a criação do complexo industrial de Icoaraci, através deste foi inserida uma nova lógica dentro do setor pesqueiro na Amazônia (MELLO, 1993).

Como reflexo desse processo, as produções científicas das ciências sociais começaram a surgir na região norte, centradas no Museu Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará. Em meados da década de 1990 novos enfoques começaram a surgir, uma das produções de maior destaque foi o livro “Povos das águas: Realidade e perspectivas na Amazônia”, organizado por Furtado, Leitão e Mello (1993).

Os estudos mencionados demonstraram que essa nova lógica afetava os pescadores artesanais e criava uma nova categoria, os pescadores industriais. Esse processo foi denominado de “parcelização do processo produtivo da pesca” e ocorreu, primeiramente, pelo processo de profissionalização da pesca (ISAAC e BARTHEM, 1995) onde o indivíduo se dedicaria exclusivamente àquela atividade e deveria ser formado por um “especialista”, não precisaria ter conhecimento ou tradição na atividade pesqueira, pois qualquer indivíduo poderia ter suas habilidades para pescar desenvolvidas. E posteriormente, pela criação das fábricas de processamento que oficialmente separavam a atividade de pescar do beneficiamento da produção (MELLO, 1993).

Tornar o produto aceitável para o mercado externo passou a ser responsabilidade das fábricas de processamento, para atender essas exigências o modelo aplicado nas indústrias foi o Taylorista, onde cada indivíduo executa uma única atividade. E, para atender a demanda do mercado, foi necessário modernizar as técnicas de captura, onde a destreza e força do pescador em manusear o equipamento não importava mais para a execução da atividade, este seria mero coadjuvante da pesca, pois a mesma passou a ser mecanizada (MELLO, 1993).

Essa modernização não ficou somente nas fábricas, alcançou o mar e se refletiu no tamanho e no motor dos barcos, na capacidade de armazenamento e produção, nas técnicas de navegação, nas técnicas de rastreamento dos cardumes. A conjunção de todos esses fatores, como já havia ocorrido na região sul e sudeste do Brasil, criou conflitos de interesse entre a pesca industrial e a artesanal e, também, contribuiu para a sobre exploração dos recursos pesqueiros.

Nesse novo cenário o pescador artesanal era visto como ineficiente, já que não se dedicava exclusivamente à atividade pesqueira, pois garantia sua subsistência dividindo-se entre a atividade agrícola e a pesca, além de fazer uso de técnicas consideradas primitivas de captura e beneficiamento. Portanto, o que era produzido através dessas práticas não estava a altura do mercado internacional, que era o mercado alvo para a exportação (MELLO, 1993).

Essa conjuntura redimensionou o valor do trabalho do pescador, que deixa de ser um pescador artesanal, entenda-se no sentido de artesão, pois a pesca quando é executada de forma artesanal para que haja sucesso é necessário o conhecimento e experiência do pescador (DIEGUES, 1983). Agora, dentro da pesca industrial o pescador é o trabalhador sem conhecimento técnico-científico, sem especializações técnicas, desqualificado e é remunerado e tratado como tal. Todo o seu conhecimento tradicional construído ao longo dos anos e repassado através das gerações é desvalorizado.

A nova forma de produção, completamente separada onde o indivíduo perde a autonomia sobre todo o processo produtivo, é um dos meios criados pelo capital para alienar o trabalhador, para tornar o pescador artesanal em um operário, um simples operador de uma máquina. A inserção dessa lógica na pesca se refletiu de muitas formas, pois como já foi dito, o pescador originariamente é um artista, onde suas experiências, conhecimentos, intuições, promovem o sucesso da pescaria, além de nesse processo ele estar livre das relações de trabalho, ainda que esteja “submetido” à relações de comercialização com marreteiros e

outros, ele é dono dos meios de produção (barcos, apetrechos e outros), realiza o beneficiamento da produção, cria meios para estimar a localização dos cardumes, seus parceiros de pescaria são parentes ou amigos, dentre tantos outros detalhes que permeiam essa forma de ser e viver (MELLO, 1993).

3.3 A pesca artesanal

Considerando o exposto e o delineamento que este trabalho pretende mostrar sobre a pesca, faz-se necessário definir o que é pesca artesanal, enquanto uma forma de pesca específica: uma arte de pesca.

Para Ramalho (2004) o trabalho do pescador pode ser compreendido como um trabalho artístico. A priori este autor mostra a palavra arte em seu sentido etimológico, entendendo esta como uma produção decorrente da criatividade e liberdade do indivíduo, e não associando ao tipo de trabalho que se executa. Desconstruindo a ideia de arte ser algo restrito a trabalhos com pintura, músicas, literatura, e outros. Neste mesmo sentido Moraes (2005) discorre sobre a importância do saber tradicional na pesca e que o mesmo não se esgota em técnicas científicas, mas que é oriundo da interação entre o homem e a natureza, repassada geracionalmente entre os indivíduos mais experientes para os mais jovens, abrange o conhecimento sobre a variação de maré, a migração dos peixes, dentre outros.

De tal modo, para definir o trabalho do pescador artesanal é preciso associar o termo artesanal à sua origem na palavra artesanato, artesão. Partindo da premissa de que o pescador desenvolve e aprimora suas técnicas, desde a produção dos apetrechos à escolha do local em que vai pescar. Salientando a importância do saber, em detrimento da própria técnica, para Diegues (1983), o pescador artesanal se caracteriza, não por depender exclusivamente da atividade da pesca, e sim por dominar os métodos de pesca e de todos os conhecimentos indispensáveis para o sucesso da pescaria.

Buscando dar um desenho peculiar na rota do estudo da pesca, essa forma específica de conhecimento das ciências sociais foi denominada por Diegues (1995) como antropologia marítima. Essa consiste no estudo da cultura e das populações tradicionais que sobrevivem da pesca, com uma ótica antropológica.

Para a legislação brasileira a pesca é considerada como toda atividade que retire os recursos naturais do meio ambiente aquático para fins comerciais, científicos ou de subsistência, entenda-se recursos naturais como todo animal ou vegetal que viva

completamente ou parcialmente na água. A lei que versa sobre essa atividade distingue dois tipos de pesca: a comercial, que inclui a artesanal e a industrial; e a não comercial, que inclui a científica, a amadora e a de subsistência. A seguir o conceito de pesca artesanal, contido na *lei* n. 11.959/2009:

“...quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte.”

As duas modalidades de pesca mais praticadas no estado do Pará são a pesca artesanal e a pesca industrial. A primeira se distribui por toda a costa litorânea e a segunda concentra-se em Belém e algumas áreas próximas (OLIVEIRA, 2007). A pesca artesanal caracteriza-se por usar uma tecnologia simples, barcos de madeira, mão-de-obra familiar, ausência de vínculo empregatício, produção destinada ao comércio e ao consumo doméstico. A pesca industrial caracteriza-se por ter uma tecnologia mais desenvolvida, barcos de ferro, trabalhador assalariado, produção destinada ao comércio (MELLO, 1993).

No distrito de Mosqueiro a pesca artesanal pode ser dividida em duas subcategorias, a de subsistência, onde a produção é destinada para o consumo familiar e uma pequena parcela para o comércio; e a comercial onde, a produção é totalmente encaminhada para o comércio (OLIVEIRA, 2007). Na pesca artesanal os pescadores detêm conhecimento, experiência e autonomia para executarem qualquer atividade a bordo dos barcos, são considerados polivalentes. Esse cenário é diferente do existente na pesca industrial onde os indivíduos possuem funções específicas e são considerado monovalente, como já mencionado (MELLO, 1993).

Mosqueiro é um importante ponto de desembarque, sendo responsável pelo desembarque de grande parte da produção que abastece os mercados de Belém, com destaque para a ponte do Cajueiro que, segundo Sanyo Techno Marine (1998) apud Oliveira (2007), a produção de pescado anual desembarcada na área varia entre 1200 a 1500 toneladas.

Diante das informações apresentadas é possível observar que uma das principais características da pesca artesanal volta-se para o uso da mão-de-obra familiar, onde as relações de trabalho são constituídas a partir das redes de parentesco e de amizade. Portanto, é

preciso entender a importância dessas redes para a garantia da continuidade da pesca dentro de um contexto cada vez mais precário do ponto de vista da disponibilidade do recurso e do planejamento insuficiente da gestão pública para o setor.

A comunidade Cajueiro, como explicitado no capítulo 2, vive centrada na atividade pesqueira, sendo que na figura 22 é possível observar um dos portos localizados na área. Portanto, esta é a atividade que mais agrega renda para este lugar, como já demonstrado com dados quantitativos. No entanto, neste trabalho busca-se caracterizar a atividade da pesca em toda sua magnitude, evidenciá-la enquanto estruturadora da comunidade e como tradição familiar.



Figura 22: Foto de um porto localizado no Cajueiro.

Fonte: Trabalho de campo 2014-2015.

3.4 A pesca na comunidade Cajueiro

No Cajueiro existem aproximadamente 700 habitantes, vivendo direta e indiretamente da atividade da pesca (LEÃO, 2010). Isso se dá em razão da ponte do Cajueiro ser um dos principais portos de desembarque de pescado do distrito de Mosqueiro, sendo responsável pelo desembarque de 25% da produção total da ilha (OLIVEIRA, 2007). Esta intensa

atividade na área gera um complexo mercado no seu entorno, abrangendo os pescadores, os marreiros e o consumidor final.

Nessa comunidade os apetrechos⁸ que se destacam pelo maior uso são a rede de *emalhar* e o *matapi* (Esse apetrechos serão descritos em seguida neste capítulo), outros apetrechos utilizados em menor proporção são a linha com anzol e a tarrafa. As redes de emalhar representam 54% dos petrechos utilizados na ilha de Mosqueiro, na comunidade Cajueiro este percentual pode chegar a 90%, como é possível observar na figura 23, esses resultados também foram encontrados por Leão (2010). Este padrão de maior utilização da rede de emalhar também foi encontrado por Oliveira (2005) ao investigar a pesca na ilha de Mosqueiro.

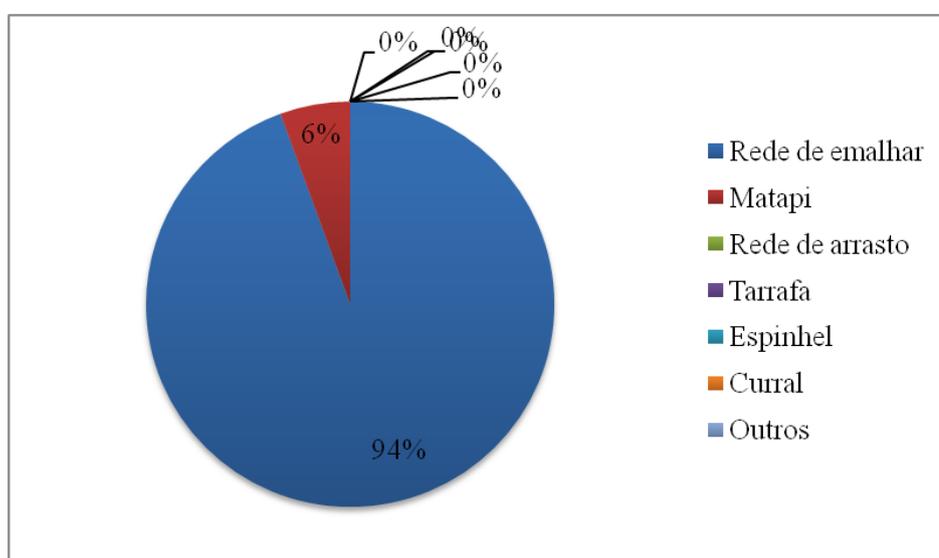


Figura 23: Os apetrechos utilizados na pesca.

A rede de emalhar ou rede de emalhe, figura 24, é também chamada por alguns pescadores como “pesca de rede”. Esta arte consiste numa rede quadrangular que pode ser constituída por nylon ou outro material, podendo variar no seu comprimento entre 35 e 100m, sua malha pode ser medida entre nós opostos e variam de 5 a 40cm, na parte superior da rede são entalhadas bóias e na parte inferior chumbadas, pois esta arte é usada perpendicularmente ao plano da água (ROBERT, 2001).

⁸ Para saber mais sobre apetrechos de pesca consultar “Saberes da pesca: Uma arqueologia da ciência da tradição” (MORAES, 2005), pois nesta tese são descritos os apetrechos de rede e outras armadilhas usadas na pesca artesanal no Brasil.

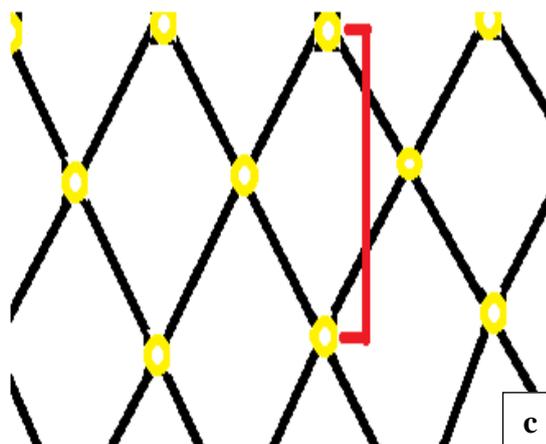
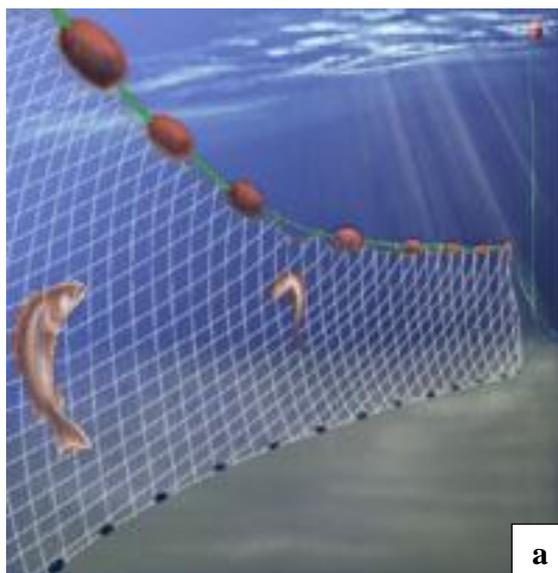


Figura 24: (a) Representação de uma rede de emalhar de fundo na água; (b) Rede de emalhar; (c) Distância entre nos opostos

Fonte:(a)http://pt.made-in-china.com/co_fishingnetqian/product_Nylon-Multifilament-Gill-Nets_hrsiygigg.html;(b) Peixoto, 2014; (c) Acervo pessoal.

Segundo Leão (2010), em Mosqueiro o matapi representa 18% das armadilhas utilizadas e em média cada pescador possui de 20 a 70 unidades, esses dados também foram constatados com as informações coletadas neste trabalho, em relatos informais alguns indivíduos declararam possuir diferentes quantidades de matapis, entre 20 e 50 unidades.

A pesca com o matapi é uma das mais realizadas no Cajueiro, nessa atividade estão envolvidos homens, mulheres e crianças. Esse petrecho pode ser confeccionado com madeira ou com garrafas pet, consistindo numa armadilha cilíndrica, com um espaço afunilado nas

extremidades laterais e dentro desta é colocada uma isca que pode ser de arroz cozido, carne de peixe ou farinha de mandioca (BENTES, 2011), como pode ser observado na figura 25.

A principal espécie de camarão capturada na comunidade é o camarão amazônico *Macrobrachium amazonicum*, mas existe a ocorrência do *M. achantarusna* ilha de Mosqueiro (BENTES, 2011).



Figura 25: Foto de matapis (a);matapis de madeira (b) e de garrafas pet (c).

Fonte: Acervo pessoal

Com relação à comercialização do camarão e pescado capturados, todos os pescadores entrevistados declararam que vendem sua produção direto para o atravessador (Figura 26). Na comunidade existem vários ‘marreteiros’ como são denominados localmente, na literatura é possível encontrar outros termos com o mesmo significado como atravessador e balanceiro. Estes podem ser definidos como um ‘intermediário’ entre o pescador e o destino final da produção. Essa relação de comercialização pescador/ marreteiro mostra uma dependência entre esses atores (MOURÃO et al, 2011), o que pode configurar uma situação desvantajosa para o pescador, onde o atravessador por ser responsável por escoar a produção acaba concentrando maior parte dos lucros, como foi descrito por Cavalcante et al (2011) ao estudar a cadeia produtiva de Caranguejo-uça em um povoado do Maranhão.

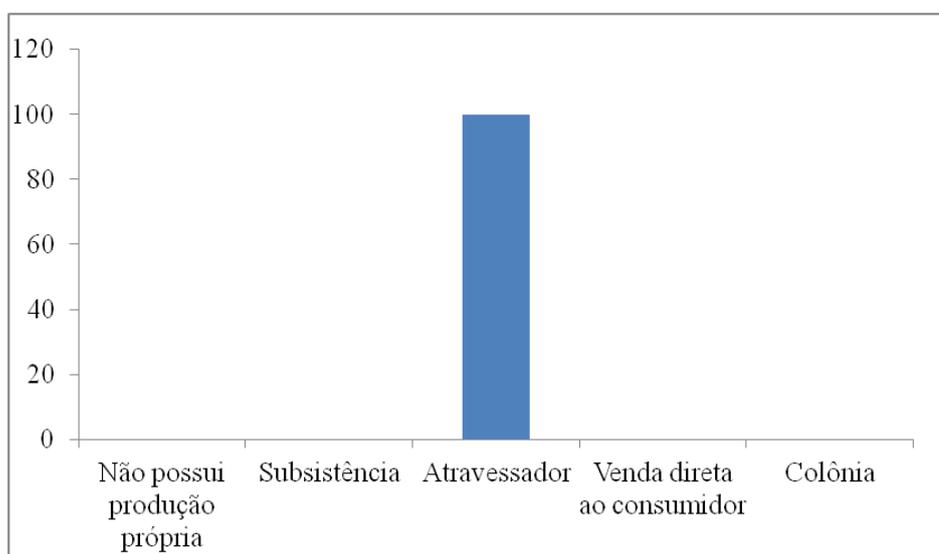


Figura 26: As formas de comercialização da produção pesqueira

O trabalho do marreteiro (Figura 27) consiste em escolher os peixes que se encaixam no padrão de seu comprador e categorizar os peixes, pelo tamanho e pela espécie. Esse pode ser varejista, que comercializa para a população ou atacadista, que comercializa para outros mercados⁹. A figura a seguir revela o momento da pesagem junto ao marreteiro.

⁹ O Marreteiro na figura 27, é um dos mais importantes da área e um de seus principais clientes é uma grande rede de supermercado de Belém.



Figura 27: Marreteiro da comunidade Cajueiro comprando peixe.

Fonte: Isabelle Chagas em trabalho de campo/ 2013-14.

A figura do atravessador é comum em toda a região amazônica, surgiu como uma forma de escoar a produção dos pescadores (PENNER, 1984 apud MOREIRA, 1993), a relação existente entre esses dois atores pode variar, uma delas pode ser denominada “fixa”, onde os pescadores só comercializam sua produção para um único atravessador mediante um acordo pré-estabelecido a fim de garantir sua venda e é por meio dessa rede formada é que garantida a circulação do pescado (MOREIRA, 1993).

Nesta relação é possível que haja o chamado ‘aviamento’, pois esse intermédio diminui o lucro do pescador caracterizando-se como um sistema de exploração. No entanto, esta relação está para além de uma relação puramente econômica, a fidelidade entre pescador e marreteiro criam vínculos que podem ser transformados em relações de reciprocidade, onde o marreteiro pode adiantar o pagamento para o pescador armar o barco e este vende para o mesmo marreteiro para garantir seu estoque de venda (LEITÃO e SOUSA, 2006).

As relações de parentesco e amizade são uma das características mais fortes da pesca artesanal, consta na descrição dessa atividade pela legislação brasileira e por vários pesquisadores como MELLO (1993), pois essas relações garantem a mão de obra. As relações de trabalho são estabelecidas através dos laços de proximidade entre os indivíduos, essa lógica é evidente no momento de escolher um parceiro, um marreteiro, alguém para vigiar seu barco, dentre outros, estas relações serão mais bem discutidas no capítulo 4.

Acerca das espécies encontradas na comunidade, as de maior valor comercial, de acordo com os pescadores são o filhote *Brachyplatystoma filamentosum*, a dourada *Brachyplatystoma rousseauxii* e pescada-branca *Plagioscion squamosissimus*. E as espécies de peixe mais encontradas na comunidade são a dourada, a piramutaba e a pescada *Pachypops cf. furchraeus*, esses dados são concordantes com os encontrados por Melo (2009) e Leão (2010) que apontam as espécies citadas acima como as de maior ocorrência na área.

Com base nas informações coletadas em campo, segue uma lista das espécies que mais são desembarcadas no porto do Cajueiro, todas as espécies que foram declaradas pelos entrevistados foram registradas ocorrência por Melo (2009).

Tabela 6: Lista de espécies de peixes que são desembarcados na comunidade Cajueiro.

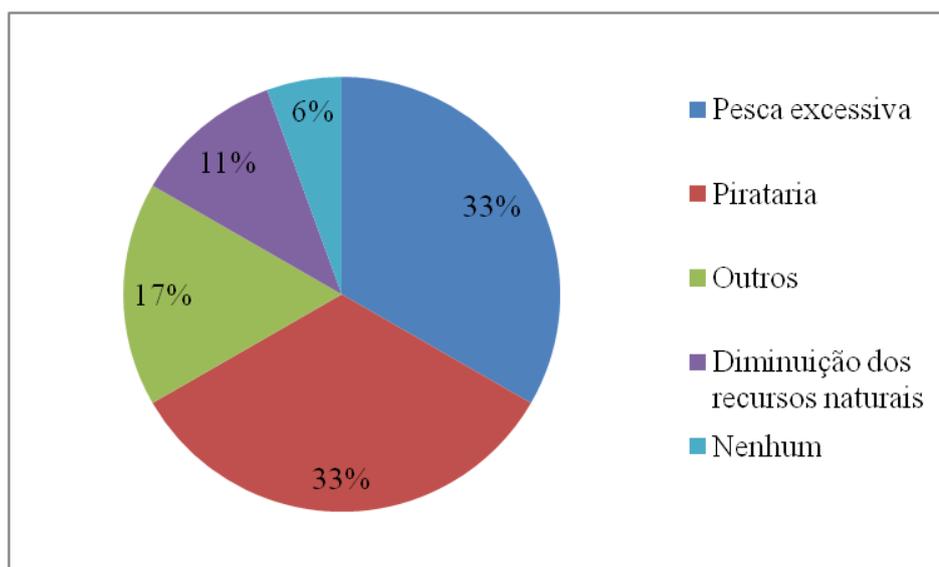
Nome comum	Espécies relatadas
	Nome científico
Bacu	<i>Lithodoras dorsalis</i> (Valenciennes, 1840)
Dourada	<i>Brachyplatystoma rousseauxii</i> (Castelnau, 1855)
Filhote	<i>Brachyplatystoma filamentosum</i> (Lichtenstein, 1819)
Mandi	<i>Propimelodus aff. Eigenmanni</i>
Mapará	<i>Hypophthalmus marginatus</i> (Valenciennes, 1840)
Pescada	<i>Pachypops cf. furchraeus</i>
Pescada amarela	<i>Cynoscion acoupa</i> (Lacepède, 1801)
Pescada branca	<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)
Pescada curuca	<i>Plagioscion surinamensis</i> (Bleeker, 1873)
Pescada gó	<i>Macrodon ancylodon</i> (Bloch & Schneider, 1801)
Piramutaba	<i>Brachyplatystoma vaillanti</i> (Valenciennes, 1840)
Sarda	<i>Pellona flavipinnis</i> (Valenciennes, 1837)

Fonte: Coleta de campo 2014-2015.

Quanto à rotina de pesca nessa comunidade, essa varia de acordo com a estação do ano. No período do “inverno” os pescadores ficam de 10 a 15 dias viajando para pontos mais distantes, como a costa da Ilha do Pacoval, no Marajó, para a costa de Vigia, etc..Durante o verão a rotina é sair de acordo com a maré e retornar no mesmo dia, já que nesse período de safra “o peixe dá mais perto”, essa forma de viagem também é denominada de “vai e vem”. No relato a seguir é possível observar para quais pesqueiros os pescadores se deslocam no período do inverno.

“...a gente não podia ficar lá para baixo num igarapé desse só, assim é muito arriscado, não tem como a pessoa ficar tranquila, tem que ficar sempre na frente de uma cidade, como eu ficava. Ficava na Vigia, Anapu, na vila do Tupinambá, Colares, Pacoval, Ilha do Machado, tudo para lá eu andava, Marudá, Algodual...”
Pescador M.T., 65 anos.

Nesse relato, além de demonstrar qual era a forma que eles estimavam e determinavam a localização dos pesqueiros mais piscosos, evidencia uma preocupação com a pirataria¹⁰, como é possível observar na figura 28 a seguir.



¹⁰ Pirataria é um termo muito usado pelos pescadores da comunidade Cajueiro para referir-se aos assaltos aos barcos de pesca.

Figura 28: Fatores elencados como os principais problemas para a atividade da pesca.

A intensa “pirataria” é uma constante preocupação entre os pescadores, esse problema vem causando uma mudança na rotina dos mesmos que no período da entre safra, onde as viagens são mais longas e para lugares mais distantes, eles procuram ficar próximos à costa das cidades, ficar em grupos de barcos e não se aproximam de barcos desconhecidos para trocar mantimentos ou prestar auxílios. E no período da safra, onde é realizado o “vai e vem”, os pescadores se planejam para retornarem antes do anoitecer. Na declaração a seguir é possível observar a grande preocupação com a pirataria.

“Outra coisa que está difícil é a pescaria por causa da piratagem, pessoal não tem sossego pelo menos agora, por uma época dessa natal, ano, passou feriado o cara não vacila é muito assalto, levam tudo do cara, vem com a roupa do corpo, quando não matam. É isso que tá mais difícil na pescaria, que a pessoa já tem receio de sair pra longe por causa disso. Uma coisa que a pessoa já não tá podendo trabalhar, pelos menos no que eu vejo dos meus colegas de pesca, que pescam ainda, quando é 3horas, 4horas da tarde já tão procurando a beira, não pode passar das 6 horas lá fora, eles já tão assaltando de dia. Se torna difícil para pessoa que pesca.” Pescador M.T., 65 anos.

Outro problema é o excesso de pescadores e a falta de padrão das redes, os entrevistados apontam o tamanho das malhas utilizadas pelos pescadores como um dos principais fatores para a diminuição do volume de pescado, eles chamam de “rede fina” ao referir-se a uma malha pequena. Eles afirmam que essas redes capturam peixes muito pequenos e assim comprometem a reprodução das espécies.

“Antigamente quando eu pescava, aí, quando eu cheguei para esse Cajueiro, ninguém tinha rede de plástico. Tem gente que pesca com rede de 30 que vem daí de cima aí, então o peixe não tem crescimento mais. Quando era a entrada de maio, setembro canso de ver quantidade de peixe morto nesse igarapé, sardinha desse tamanho, pescadinha, douradinha, piabinha, aí, então esse peixe não cresce. Um tipo dum malheiro desse, não tem como crescer, eles gelam aí com prato, parece farofa, parece quem gela camarão, pescadinha desse tamaninho assim. Então,

quando eu me entendia, quando eu cheguei para cá, para esse Cajueiro ninguém tinha rede de plástico, era a... a rede mais fina que tinha era a nylon 8 ou 12, malheiro 55 ou 60. Era um malheiro grande para pegar peixe, agora eles vêm com malheiro com rede de 30, 35,45, não tem como. A rede ela tando na água ela pega tudo, o que bater nela ela fica e eu que trabalhava com uma rede grossa, dava quase um palmo de malha o malheiro da minha rede, nylon 48 ou 36. Só matava aqueles peixes pequeninhos quando engatava no ferrão, vinha, não que ficasse emalhado, mas o ferrão dele esbarrava na malha e vinha, só que a gente não jogava fora a gente aproveitava, chegava na Vigia vendia, trocava com refrigerante, uma merenda, quando não a gente dava para o pessoal comerem...” Pescador M.T., 65 anos.

Muitos autores como Sparre e Venema (1997) discorrem sobre a seletividade desse tipo de rede e quais fatores comprometem a mesma, de tal modo é evidente que o saber tradicional desses pescadores, adquiridos com a rotina de trabalho e vinculados ao conhecimento repassado pelos pescadores mais antigos, são formas de garantir o sucesso e a sobrevivência desses na atividade da pesca, assim como dito por Pereira e Diegues (2010).

Quando indagados sobre como a pesca era antes e como a percebem agora, em geral relatam que anteriormente os peixes eram maiores, mais abundantes e o tempo das viagens era menor. E hoje, os peixes estão menores, menos abundantes e o tempo das viagens é cada vez maior. Dizem que o ganho financeiro não mudou significativamente, pois ao mesmo tempo em que o peixe está menor o preço pelo kilograma é maior, como revela a fala a seguir:

“Olha! Pela minha experiência que eu já tive com pesca, hoje em dia, tá muito difícil, tá muito difícil. Por causa que hoje em dia não tem mais safra de peixe, quando eu comecei a pescar tinha safra de peixe, de maio em diante o peixe começava a subir, a água começava a subir e tinha safra de peixe, mas hoje em dia não tem mais. Quando o cara toca um dia um peixe passa 4, 5, 6 dias para ele tornar a topar noutro cardume, já não é como era antigamente, onde você redava você matava, você matava de um tudo de pescada a filhote. E hoje em dia está difícil, a quantidade de rede que o pessoal usa para matar as vezes 100kg ou 50kg, você agradece a Deus.” Pescador M.T., 65 anos.

Diante dos relatos fica evidente a presença e importância do saber tradicional dos pescadores e tal conhecimento vai desde a percepção sobre as mudanças que ocorreram nos estoques pesqueiros como reflexos da sobre exploração dos recursos naturais, até a percepção acerca do ciclo de migração dos peixes, onde eles ocorrem, quanto ao tipo de espécie e as que possuem maior ocorrência.

Para Diegues (1983), esses saberes citados são o que determinam um verdadeiro pescador artesanal, ele precisa dominar as técnicas de pesca e possuir outros conhecimentos indispensáveis para o sucesso da pescaria, para garantir sua subsistência e sobrevivência, como já citado.

Neste capítulo foram feitas algumas considerações sobre o manejo da pesca no Brasil e na Amazônia, o processo de modernização da atividade pesqueira e como esse se refletiu nos esgotamento dos recursos naturais, criando um cenário precário para a pesca artesanal e finalmente foram descritas as atividades relacionadas à pesca no Cajueiro.

Uma das características fortes da atividade da pesca artesanal refere-se à mão-de-obra ser estruturada baseando-se nas relações de parentesco e amizade. De tal modo, o capítulo que segue pretende discutir como tais redes sociais são essenciais para sustentar e manter os indivíduos na pesca artesanal.

CAPÍTULO 4: PESCA, PARENTESCO E REDES SOCIAIS: QUASE TODO MUNDO É PARENTE NO CAJUEIRO

Como observado nos capítulos anteriores, o trabalho na pesca artesanal é marcado por relações de trabalho menos rígidas, do ponto de vista da formalidade legal, sendo que na maioria dos casos dos barcos de pesca artesanal, a tripulação pertencer a uma mesma família, ou possuir estreitos laços de parentesco. Este capítulo tem por objetivo descrever como tais relações de parentesco e redes sociais marcam o cotidiano da pesca, especialmente quando considerada a pesca artesanal. Apresenta o parentesco enquanto objeto prioritário da antropologia e, no caso específico da comunidade do cajueiro, como uma relação humana que marca o espaço social da pesca. Finalmente, uma última seção descreve a teoria de redes, considerando que esta permite explicar a atividade pesqueira na comunidade do Cajueiro.

4.1 A rede que pesca gente

O parentesco e a pesca são atividades fortemente relacionadas, pois a pesca artesanal caracteriza-se pela mão de obra baseada nessas relações familiares e de amizade.

Dentro do parentesco um importante conceito a ser destacado é o de rede, que pode ser definido como uma estrutura social onde os componentes desta mantêm relação entre si (BOTT, 1976). A configuração desta rede pode ser influenciada por vários fatores como o gênero, escolaridade, profissão, entre outros fatores (SILVA, 2010).

Na comunidade Cajueiro existe uma rede formada acerca da atividade da pesca, o mesmo resultado foi encontrado por Barnes (1964) ao estudar uma aldeia de pesca na Noruega, o pesquisador observou que existe uma interação entre os indivíduos e que estas são correspondentes a redes de interação. No Cajueiro a pesca vigora como a atividade que mais agrega renda e a principal ocupação declarada. Portanto, há uma teia de relações construídas a partir da pesca.

Para entender como “a rede que pesca gente” funciona, é necessário compreender como as redes sociais formadas incentivam os indivíduos a permanecerem na atividade, mesmo diante das dificuldades e riscos declarados, para Faist (2000, apud PEIXOTO e EGREJA, 2012) a relação existente entre parentes e amigos íntimos possui uma solidariedade que influencia no processo de migração dos indivíduos.

As teorias que serão descritas, a seguir, pretendem descrever a importância do parentesco e das redes dentro das famílias da comunidade Cajueiro e evidenciar a relevância destas na profissionalização dos indivíduos.

4.2 Parentesco: percursos em conceitos até chegar ao cajueiro

O parentesco figura na antropologia como um tema exclusivo dessa ciência. Inicialmente voltado para os aspectos de descendência consanguínea, os estudos de parentesco logo passam a ser o centro da antropologia. Inicialmente através da teoria classificatória, o parentesco toma vulto com as teorias da descendência e aliança. Buscando situar o leitor, assim como descrever e interpretar os dados coletados na comunidade Cajueiro, esta seção discutirá as principais teorias que orientaram os estudos de parentesco dentro da antropologia.

Para estudar parentesco é necessário compreender como surgiu essa temática e como se instituiu como objeto de pesquisa, portanto, esta descrição será iniciada através do histórico da antropologia.

Para Laraia (2005), a antropologia começou a se consolidar como disciplina acadêmica na metade do século XIX. Nessa época sendo considerada uma ciência natural e muito influenciada pela biologia. As diferenças fenotípicas como cor da pele, tamanho do crânio, estrutura do cabelo, comprimento dos membros, entre outros foram estudadas exaustivamente a fim de encontrar uma correlação entre essas características e as diferenças entre o comportamento dos indivíduos e, também, para provar a evolução de algumas raças. Esses estudos, por muito tempo contribuíram para fortalecer e justificar a dominação de outros povos/raças.

Para Woortman e Trautmann (apud ALMEIDA 2010), a antropologia se estruturou como ciência, em grande parte, sobre o parentesco. Pois, a ciência, para ser designada como tal, precisa descobrir uma ordem e a antropologia para se estabelecer como ciência precisava de um objeto de estudo, um padrão, e em razão da impossibilidade de determinar o comportamento humano, o sistema de parentesco surgiu como um método consistente e lógico, capaz de conter e explicar as relações sociais.

De toda forma, como observado, não há um consenso de como a antropologia surgiu, se na metade do século XIX, em meio a uma Europa colonizadora e em fase de expansão ou se surgiu em razão “de uma hiperinflação nos quadros temporais da história humana, em cuja esteira criou-se um enorme vácuo a ser preenchido por narrativas conjecturais” (ALMEIDA, 2010).

No final do século XIX, a antropologia se dividiu em vertentes como antropologia física, antropologia cultural, linguística e outras. E indivíduos advindos de áreas do conhecimento como a filosofia e ciências humanas, começaram a estudar antropologia. Sua premissa básica era a de encontrar a origem das instituições jurídicas modernas e o faziam a partir do estudo de sociedades “primitivas”, por meio do relato e depoimentos de outros indivíduos que visitavam as áreas estudadas. Esses estudiosos foram os precursores da antropologia moderna, tais como Lewis Morgan(1818-1871); Edward Tylor (1832- 1917); J.F. McLennan (1827;1881); Fustel de Colange (1830-1890); J.J. Bachoffen (1815-1887); e outros (LARAIA, 2005).

O marco inicial da antropologia cultural, na corrente norte americana, ocorreu com a publicação do livro “As limitações do método comparativo” de Franz Boas-1896, onde este propunha um novo método de pesquisa baseado no estudo de cada sociedade, a fim de saber como ocorreu a evolução desta. Este método influenciou muito a escola americana e esta foi a responsável por valorizar o trabalho de campo, a observação direta (LARAIA, 2005).

Os distanciamentos dos campos biológico e antropológico foram consolidados quando ocorreu a definição do termo cultura, primeiramente, por Tyler e, posteriormente, a expansão do significado desse termo por Kroeber. Conjuntamente com o trabalho de campo como eixo estruturador da antropologia, por Boas, foi a ferramenta necessária para explicar as diferenças entre as sociedades por causa de seus hábitos, costumes e escolhas (LARAIA,2005). No entanto, ainda que em diferentes escolas, em diferentes abordagens e mesmo antropologia enquanto uma ciência em construção, o parentesco permaneceu como um objeto de investigação exclusivo que caracterizou essa ciência desde seu nascedouro até os dias atuais.

4.2.1 Vocabulário do Parentesco

Os estudos de parentesco dentro da antropologia demonstram que algumas sociedades são estruturadas prioritariamente pelo sistema de parentesco. Por tanto, para estudar esses sistemas sociais é necessário conhecer as terminologias de parentesco que o compõe e o vocabulário a ser utilizado é uma das principais ferramentas, considerando que cada sociedade tem sua própria língua e sua forma de expressar suas categorias, que podem não ser traduzíveis (BATALHA,1995; TORNAY,1977).

O parentesco e a descendência são instituições universais, o que as difere entre as sociedades são as regras que são atribuídas às partes constituintes do casamento e suas obrigações e contribuições com os filhos (BATALHA,1995).

Para Augé (1978), dois indivíduos são parentes quando descendem de uma filiação direta ou quando possuem um antepassado em comum, podendo o parentesco ser real, baseado num laço de consanguinidade, ou fictício, quando afirmam virem da mesma filiação. Portanto, a filiação é uma categoria que existe na consciência dos homens e a partir dela são geradas várias formas de solidariedade entre os parentes, isso é o parentesco, uma relação social que não se determina estritamente às relações biológicas.

O parentesco pode ser estabelecido pela afinidade/aliança e pela filiação/consanguinidade. A primeira relação consiste na união de um homem e uma mulher de grupos sociais diferentes, a segunda é estabelecida entre pessoas que tenham, pelo menos, um ancestral em comum (BATALHA,1995; TORNAY,1977).

As alianças matrimoniais ou casamento são os princípios organizadores das relações exogâmicas entre os diferentes grupos. E a organização interna dos grupos é basicamente organizada pela filiação ou consanguinidade, essas duas categorias são diferentes entre si, pois a filiação assenta-se numa convenção social e a consanguinidade numa convenção biológica, mas a transmissão do parentesco social dependerá das regras sociais existentes (AUGÉ,1978).

Existem, basicamente, duas regras de descendência a cognática e a unilinear, a primeira trata-se do caso de ambos os pais serem considerados parentes e a segunda quando apenas um dos pais é considerado parente (BATALHA,1995).

A filiação cognática bilateral é dita uma filiação indiferenciada, pois a transmissão do parentesco é realizada por duas linhas, o indivíduo passa a ter deveres e obrigações com os parentes maternos e paternos, a ambilinear é quando o indivíduo possui ligação com apenas alguns parentes do lado materno e paterno(AUGÉ,1978; BATALHA,1995).

A filiação unilinear é diferenciada, o parentesco é transmitido por um dos pais, quando a filiação é feita pelo pai é chamada patrilinear e quando pela mãe matrilinear. A filiação patrilinear ou agnática, é transmitida pelos homens da família e a matrilinear ou uterina é transmitida somente pelas mulheres (AUGÉ,1978).

As terminologias de parentesco são as regras criadas para determinar como os parentes se designam entre si, o antropólogo Lewis H. Morgan foi o pioneiro ao descobrir que os termos em diferentes sistemas exprimiam diferentes sentidos e relações. Existem basicamente o sistema Esquimó, o sistema Havaiano, o sistema Iroquês, o sistema Sudanês, o sistema Crow e o sistema Omaha (BATALHA,1995).

4.2.2 O evolucionismo e o método classificatório

Os evolucionistas consideravam que as sociedades estavam em diferentes estágios de evolução, baseados na sua cultura, acreditavam que existiam estágios hierarquizados e pré-estabelecidos que deveriam ser seguidos para alcançar o nível máximo de desenvolvimento. Esse estágio máximo de evolução só poderia ser alcançado por um único caminho, esse foi o chamado evolucionismo unilinear (LARAIA, 2005).

O método de pesquisa dos evolucionistas era o de coletar o relato de missionários e viajantes e através do método comparativo buscando provar que existia uma evolução, sendo o referencial de estágio máximo de desenvolvimento as suas próprias sociedades. Além disso, buscavam padrões gerais entre as diferentes sociedades, em razão da influência do método das ciências naturais que buscava “leis universais” para explicar os fenômenos da vida (CASTRO, 2005).

Lewis H. Morgan foi um antropólogo evolucionista que marcou seu lugar na história da antropologia por ter sido um dos primeiros a identificar que as diferenças entre os termos utilizados para determinar parentesco não eram somente linguísticos e que significavam diferentes estruturas e relações, representavam “sistemas de parentesco” (LARAIA, 2005 e

ALMEIDA, 2010). Para o autor o objeto “sistema de parentesco” era a base de estruturação da antropologia (TRAUTMANN apud ALMEIDA,2010). A afinidade do conceito de estrutura social com parentesco conduziu os antropólogos a pensarem a sociedade composta sobre uma rede de parentesco (WOORTMANN,1977).

As principais obras de Morgan foram, “Liga dos Iroqueses” (1851); “Leis de descendência dos Iroqueses” (1857), “Systems of Consanguinity and Affnity in the Human Family” (1865;1871) e “Sociedade antiga” (1877), sendo este último o principal responsável por registrar na história da antropologia o nome de Morgan, considerando que foi nesta obra que foi identificado o objeto de parentesco, este livro possui duas versões (ALMEIDA, 2010).

A versão de Systems, publicada em 1865 centrava-se em provar que os índios americanos possuíam origem asiática, por meio da explicação da semelhança do “sistema de relação” existente entre os diferentes povos e não somente nas similaridades das terminologias de parentesco. Nesse livro o autor conclui que era possível dividir os sistemas de parentesco em “sistemas descritivos” e “sistemas classificatórios” (ALMEIDA,2010).

A partir desta divisão, surgiu uma dúvida em relação a origem da existência do sistema classificatório, uma das justificativas atribuídas por Morgan para a existência desse sistema foi o papel do estado, considerando que no sistema descritivo quem realizava o papel de organizar a sociedade eram os sistemas de parentesco (ALMEIDA, 2010).

4.2.3 O funcionalismo e a teoria da descendência

Como já mencionado, para entender um povo faz-se necessário conhecer o sistema de parentesco e casamento deste, pois esses aspectos influenciam em vários aspectos da vida social de uma civilização. E por um período o estudo de parentesco pretendia compreender como as instituições surgiram por meio de premissas pré-estabelecidas. No momento em que os registros históricos e os trabalhos de campo começaram a ganhar importância, as pseudo-histórias foram perdendo importância. A partir disso, o método desenvolvido consistia em encontrar por meio da comparação de diversos sistemas de parentesco, similaridades/princípios gerais que pudessem criar uma classificação e com esta realizar análises de todos os sistemas, individualmente. Iniciam-se os estudos funcionalistas sobre parentesco.

Radcliffe-Brown estruturou o funcionalismo de forma similar às ciências naturais, em seu livro “A natural Science of society” (1948), a sua teoria funcional-estruturalista considerava o termo funcional como a fisiologia e a estrutura como a morfologia da sociedade (LARAIA, 2005).

Para tanto, Radcliffe-Brown acreditava que as relações de parentesco possuíam funções sociais e compreendê-las, verdadeiramente, implicava em compreender um ato simbólico e o significado atrelado a este. Em seu texto *Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento – Introdução* definiu:

“Um sistema de parentesco e casamento, pode ser encarado como um arranjo que capacita pessoas para viverem juntas e cooperarem umas com as outras numa vida social ordenada.... Para tanto, devemos considerar como ele une as pessoas pela convergência de interesses e sentimentos, e como controla e limita aqueles conflitos que sempre são possíveis como resultado da divergência de interesses ou sentimentos.” (Radcliffe-Brown, 1973,p. 62)

A partir disso é notório o quanto a teoria funcional-estruturalista preocupava-se em entender um costume e explicar qual o seu significado para um determinado povo.

O funcional-estruturalismo agregou diversas mudanças para o pensamento antropológico, como já dito, seu método pretendia através da comparação determinar os princípios da organização social. Analisava a sociedade considerando-a composta por diversas estruturas interligadas e igualmente importantes entre si. Sua premissa era de que todas as partes deveriam estar em harmonia. A sua principal teoria básica para os estudos de parentesco foi a descendência (WOORTMANN,1977).

Essa teoria considerava o parentesco como resultado da descendência, e esta consistia no reconhecimento social da relação entre os pais e filhos, esta relação não era somente biológica, mas social. Nela existiam inúmeras possibilidades do pai biológico não coincidir com o pai social, em razão de como o sistema era instituído (RADCLIFFE-BROWN, 1978).

Um exemplo disso é o casamento africano, que pode ser analisado sobre três eixos: o primeiro é a quebra de solidariedade existente na família que cede a mulher para o casamento;

o segundo é a transferência de responsabilidade e deveres da mulher para com o pai/parentes para o seu marido/parentes; e o terceiro é a união de dois grupos diferentes por meio do matrimônio (RADCLIFFE-BROWN, 1978).

Considerando o segundo aspecto, os direitos obtidos pelo marido sobre a esposa e os filhos gerados no casamento, variam em diferentes sistemas de parentesco. Um exemplo citado na obra “Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento – Introdução” descreve que, nos brass do Sul da Nigéria, existem dois tipos de casamento o de direito paterno, onde o marido paga um valor alto para a família da esposa e por isso tem direito sobre a prole e o casamento de direito materno acontece quando o valor pago pelo marido para a família da noiva é baixo e os filhos gerados são da mãe.

A principal crítica à teoria funcional-estruturalista concentrava-se na demasiada importância dada a herança (LARAIA, 2005).

4.2.4 Da descendência para a Aliança

Levi-Strauss, foi um antropólogo e etnólogo muito importante do século XX, sendo que seus trabalhos seguem impactando gerações, ainda no século XXI. Ele, foi o responsável pelo desenvolvimento da teoria estruturalista, que tinha por finalidade entender a sociedade com base em suas estruturas sociais.

Dentre as várias obras escritas, a que merece destaque pra este texto refere-se à “As estruturas elementares do parentesco”. Esta começa discutindo um tema polêmico dentro da antropologia o limiar entre a natureza e a cultura. Entendendo-se a natureza como os impulsos biológicos do indivíduo e a cultura como tudo que é aprendido quando o indivíduo vive em sociedade (LEVI STRAUSS, 1976)

O estado de natureza pode ser compreendido como o comportamento do homem com base em seus instintos, teoricamente, em qualquer momento ou lugar do mundo as reações serão as mesmas, pois tais atitudes pertencem ao campo biológico e por isso são universais. O estado de cultura pode ser compreendido como as especificidades que moldam o comportamento do indivíduo, baseando-se nas regras sociais existentes no grupo ao qual ele pertence e a partir do momento em que existem regras, paralelamente, existem coerções, e esse é o marco para o início da cultura (LEVI-STRAUSS, 1908).

Partindo desta dicotomia, ele vai desenvolvendo sua argumentação a fim de encontrar uma regra comum entre as diferentes sociedades, que represente o limite entre a natureza e a cultura.

Segundo o autor, este limite universal era a proibição do incesto, pois apesar do coito ser uma prática natural entre os seres humanos, este não poderia ser praticado com qualquer indivíduo do grupo. Portanto, em sua obra “Estruturas elementares do parentesco” ele afirma que o incesto:

“...apresenta, sem o menor equívoco e indissolivelmente reunidos, os dois caracteres nos quais reconhecemos os atributos contraditórios de duas ordens exclusivas, isto é, constituem uma regra, mas uma regra que, única entre todas as regras sociais, possui ao mesmo tempo caráter de universalidade.”(LEVI-STRAUSS, 1976, p. 47)

Então, a partir do momento em que começou a existir essa proibição, era necessário que existisse uma compensação. Considerando que os indivíduos abririam mão do casamento com as mulheres do seu grupo e deveriam cedê-las para homens de outros grupos, concomitantemente ocorria o mesmo processo em outros grupos, portanto todos teriam alguém para o matrimônio. Esse processo é denominado de exogamia que além de ser um processo de troca é, também, uma norma de reciprocidade (LEVI-STRAUSS, 1976).

O estruturalismo por Levi-Strauss redirecionou os estudos antropológicos, ampliando o sentido de estrutura, parte dessa mudança foi ocasionada pela interação do pensamento antropológico com o parentesco (WOORTMANN,1977). Mas certamente, a maior contribuição de Levi-Strauss repousa na criação da teoria da aliança que tomaria o lugar da teoria da descendência de Radcliffe-Brown. Vale salientar que a essência da teoria da aliança repousa no princípio que o casamento traz consigo uma troca que inicia não apenas a troca de mulheres, mas a troca de lealdades entre grupos, a troca proteção em cenários de guerra, enfim, a reciprocidade no sentido pleno se instala a partir das alianças estabelecidas.

4.3 Parentesco como rede social

Se os estudos de parentesco marcaram a antropologia como ciência, os estudos sobre rede tomaram parte da cena antropológica a partir da década de 1960 e sobre essa temática trata essa seção. As redes sociais são discutidas em diferentes áreas da ciência, tendo assim

uma gama de conceitos e métodos de investigação, de tal modo, para avançar nessa temática se faz necessário definir o significado de alguns conceitos, o primeiro é o de rede que pode ser compreendida como “Uma configuração social onde algumas, mas nem todas, das unidades externas componentes mantêm relações entre si” (BOTT, 1976).

Para Kohn (1977 apud SILVA, 2010) a rede social dos indivíduos é tecida em conformidade com a sua ocupação e seus valores e comportamentos decorrentes desta, podendo ser influenciada pela raça, gênero, nível de escolaridade, ocupação, dentre outros (SILVA, 2010).

Bott (1976) em seu trabalho “Família e Rede Social” expõe que os graus de interação social das famílias influenciam diretamente na divisão dos papéis conjugais e, conseqüentemente, esta divisão pode estabelecer dois tipos de rede que podem ser classificadas como rede social de malha estreita e de malha frouxa.

Outra denominação também utilizada na literatura são os laços fortes e fracos, o primeiro é definido como os laços que se estabelecem entre parentes e amigos íntimos e o segundo como a relação entre conhecidos, amigos de trabalho dentre outros. Esses laços podem se manifestar de diversas formas, como formas de solidariedade, motivos para migração, dentre outros (PEIXOTO e EGREJA, 2012).

Diante disso, é importante destacar a família como uma relevante instituição social, no entanto, poucos são os estudos que possuem como objetivo conhecer de que forma ocorre a interação familiar com outras instituições sociais e como isso se reflete dentro do lar e na própria sociedade (BOTT, 1976).

Vale salientar que o termo família está sendo aqui usado para referir-se à família elementar e esta, por sua vez, possui uma rede de relações sociais que fazem parte de diferentes grupos organizados, como escola e igreja. Cada membro familiar interage com diferentes grupos organizados, por isso um grupo organizado não consegue influenciar todos os aspectos de uma família urbana (BOTT, 1976).

Para Henriques et al (2006), atualmente é possível classificar três tipos de famílias a tradicional, a moderna e a pluralística. A primeira caracteriza-se pela figura paterna como chefe de família e provedor, papéis conjugais bem definidos com forte relação com a

comunidade e com os parentes, a segunda possui uma fraca relação com os parentes e com a comunidade e possui laços estreitos entre a própria família elementar, e a terceira caracteriza-se por novas combinações familiares mais versáteis e menos hierarquizadas.

Para Baia (2006) o padrão denominado tradicional é recorrente em famílias ribeirinhas, considerando a forte reprodução dos papéis de gênero, onde os indivíduos do sexo feminino possuem funções voltadas para o lar e para a família e os do sexo masculino para atividades produtivas.

Além de entender a estrutura das famílias e como as questões de gênero se manifestam, faz-se necessário compreender a rede de laços fortes que segundo Faist (2000, apud PEIXOTO e EGREJA, 2012) caracteriza a relação existente entre parentes e amigos íntimos, possuindo uma reciprocidade e solidariedade que podem influenciar no processo de migração dos indivíduos.

Considerando o exposto, portanto, as teorias até agora descritas é possível verificar, diante dos dados de campo, como o parentesco ordena o cotidiano das famílias do Cajueiro. Ordena quanto à migração, como já exposto, quanto à profissionalização dos indivíduos, dentre outros.

No relato dos entrevistados a recorrência sobre as relações de parentesco permeia grande parte das informações. É comum escutar dos moradores do Cajueiro o uso de um parentesco classificatório muito presente na teoria evolucionista. Frases do tipo: “Tem a casa do meu tio lá na esquina”, “Minha tia mora logo ali”, “Aqui tem a da minha avó”, “Mais para ali tem de uma prima minha”.

E essas frases confirmam que grande parte da comunidade é composta por parentes e essa é uma característica muito importante para ser estudada, pois as relações de parentesco ordenam as relações da pesca (RAVENA-CañETE et al, 2011). Uma das principais características da pesca artesanal é a utilização de mão-de-obra familiar (MELO, 1993; BRASIL, 2009).

Somado a esse tipo de parentesco classificatório, um parentesco de aliança se revela como mostra o diagrama abaixo (figura 29).

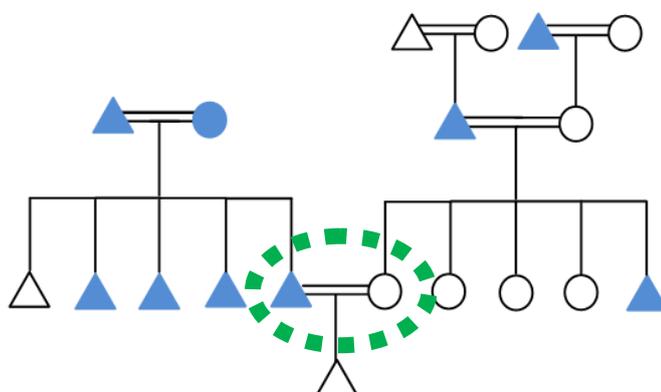


Figura 29: Diagrama de um casal entrevistado na Comunidade Cajueiro

No diagrama acima as representações em azul identificam os indivíduos que trabalham de forma direta ou indireta com a pesca e o círculo tracejado verde indica a partir de qual casal foi construído o diagrama. O esquema mostra as famílias a partir do casal Maria (24)¹¹ e José(27), que vive junto há aproximadamente seis anos. Vivendo com o filho João(03), a família é sustentada, principalmente, pela atividade da pesca e ambos concluíram o ensino médio. O casal, reside na comunidade desde a infância, quando se conheceram, segundo relatos de Maria, ele trabalhava esporadicamente com a pesca e servia no exército. Após se amasiarem¹² e a descoberta da gestação, ele voltou a atuar como pescador em razão da tradição da pesca na família, do pai ser dono de alguns barcos, do melhor ganho financeiro e do acesso constante ao dinheiro. O trecho da entrevista, a seguir, elucida a descrição:

“Ele diz que é melhor para ele. Porque antes quando ele trabalhava no quartel, ele ganhava um salário. Aí, esse salário era só no final do mês mesmo. Só era aquele salário enxuto, não tinha direito a nada. Já na pescaria ele viaja 15 dias e ganha mais de um salário. A gente que tem neném pequeno, aí ele achou melhor. Que aí já não daria. Olha a pesca daqui, todo dia eles vendem o peixe, então no caso todo dia tem dinheiro. Aí, se a gente fosse esperar por mês, mesmo, aí já ia apertar na casa com criança.” (Esposa de pescador, N.B., 24 anos).

¹¹ Este trabalho fará uso de nomes fictícios para os entrevistados de forma a garantir o anonimato dos mesmos, assim como o sigilo sobre os informantes que marca a pesquisa científica.

¹² Amasiado refere-se a uma expressão local que caracteriza relações conjugais estáveis, ainda que sem a formalidade do casamento civil.

Fica evidente no relato que a interlocutora refere-se à possibilidade do dinheiro mais vultoso, ademais de não estar restrito a um salário. A pesca permite a certeza frequente do dinheiro, ao passo que o salário “enxuto”, como menciona a entrevistada, pouco alcança para o decorrer do mês, nesse sentido a atividade econômica da pesca é a possibilidade de ampliação dos recursos familiares.

Dentro de comunidade de pescadores, a família possui um importante papel educacional e na formação profissional dos indivíduos, os dados levantados no Cajueiro mostram que os ensinamentos da atividade da pesca são feitos por integrantes da família, concordante com os dados encontrados por Moreira (1993) ao estudar as mudanças ocorridas na atividade da pesca artesanal numa vila de pescadores em Marudá, confirmando a tradição da pesca dentro das famílias.

Além da tradição familiar da pesca, em geral, as áreas ribeirinhas ou rurais não possuem outras atividades econômicas. Essas localidades são centradas nas atividades tradicionais como a extração, agricultura e pesca (SILVA, 2006). Portanto, um maior nível de escolaridade não aparece como um meio propulsor para um maior ganho financeiro, como se pode ver no relato a seguir.

“É o jeito, né? Estuda tanto e não arruma emprego. Quanto mais estudam não arrumam emprego, é difícil. Olha! Meu sobrinho tá para Belém, porque ele pescou e pescou, e agora ele voltou para terminar o estudo dele, mas não tem um serviço que é o melhor. Terminou mas não adiantou. Tá aí, procurando emprego, tá fazendo vários cursos para vê se aparece algum emprego. Na pescaria mesmo mal mas a pessoa ainda arruma o da bóia, o da semana, ainda dá uma pontinha de dinheiro.” (Pescadora, M.L., 32 anos).

É perceptível no discurso a forte ideia de que o trabalho é mais importante do que os estudos. Isso se apresenta por uma conjunção de fatores, um deles é um reflexo da baixa escolaridade dos pais, como visto no capítulo 2, e a própria necessidade de sustentar a família. No entanto, esse relato de forma contraditória aparecia de forma é incomum entre as conversas e entrevistas, a maioria dos pais declarava que desejava que os filhos seguissem outras profissões como no relato a seguir.

“Ah! Eu quero que ele estude. Assim como a gente estudou, só que o pai dele, resolveu ficar aqui na

pesca. Eu quero que ele estude e se forme em alguma coisa. Isso que a gente quer. [risos]. Depois não sei da vontade dele... Se ele vai querer...”

“Eu quero assim que ele se forme em alguma coisa, estude, mas as vezes filho, mana! Não querem estudar. Ainda mais aqui, que tem esse ramo da pesca, aí já querem já, desde pequeno tem uns que nem estudam mais, já querem já pescar.” (Esposa de pescador, N.B., 24 anos).

Fica evidente, no discurso dos pais pescadores e das mães, a perspectiva de que um maior grau de escolaridade figura como uma forma de facilitar a vida, ou de obter uma profissão melhor para seus filhos como observado por Moreira (1993).

“E os filhos são tudo estudante, não teve nenhum com graça para esse lado de pescaria e eu nem quero isso para eles, mana. Isso não é serviço para... Não é fácil, um serviço bem dolorido mesmo, bem ruim mesmo.” (Pescador J. S., 35 anos)

Como já dito, é forte no discurso dos pescadores sobre as dificuldades da atividade pesqueira e o desejo de que seus filhos atuem em outra profissão. No entanto, o que se percebe é que há um distanciamento entre o discurso e as escolhas efetivas no mundo do trabalho. Assim, os indivíduos permanecem na atividade pesqueira e o distanciamento das futuras gerações da atividade da pesca não acontece.

Outros fatores influenciam para esse cenário conflituoso, como o fato do Cajueiro ser centrado na pesca, a tradição da pesca dentro das famílias, a dificuldade de ter acesso ou conciliar com as atividades escolares, a baixa escolaridade das gerações anteriores, a necessidade de contribuir para a subsistência da família.

O diagrama (Figura 30) é desenvolvido a partir do casal Ilano (29) e Mara (26) que vive com duas filhas, Larissa(7) e Nara(4). Como já mencionado, as figuras em azul evidenciam os indivíduos que trabalham direta ou indiretamente com a pesca e os círculos em vermelho evidenciam os indivíduos que residem no Cajueiro, além dos entrevistados, o círculo tracejado verde indica o casal entrevistado para construção do diagrama. Ilano nasceu em Mosqueiro, vem de uma família de pescadores como mostra o diagrama, começou a pescar durante a adolescência, seu mentor na atividade foi seu irmão mais velho, possui o ensino fundamental incompleto, relata que apesar da pesca prover seu sustento, por vezes já

quis trabalhar com outra profissão. Mara, nascida em Abaetetuba, já trabalhou com serviços domésticos e, atualmente, se dedica a cuidar da casa, dos filhos e do marido, é estudante do ensino fundamental, assim como o esposo, expõe seu descontentamento com a atividade da pesca.

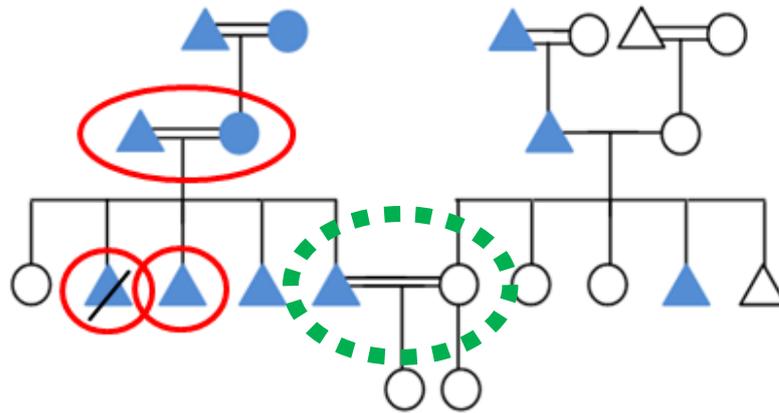


Figura 30: Diagrama de uma família do Cajueiro.

Ilano atua como pescador desde aproximadamente 16 anos de idade e trabalha no barco de pesca do seu pai. Quando relatou sua insatisfação com a atividade da pesca alegou que o alto número de pescadores, a poluição do meio ambiente (lixo que danificavam as redes), a ausência de uma organização dos pescadores para garantirem seus direitos trabalhistas, são algumas razões que o desestimulam de prosseguir nessa atividade. Relatou que se tivesse um maior nível de escolaridade, ou dominasse algum outro ofício, mudaria de atividade.

Mara começou a ter maior contato com a pesca após seu casamento, pois apesar do pai ser pescador ela não conviveu com o mesmo durante a infância. Suas queixas sobre a atividade da pesca baseiam-se na inconstância do recurso, nos riscos da atividade e na insegurança financeira que isso reflete para a família, pois o marido é o único provedor da casa, como observa-se no relato a seguir.

“Do tempo que eu cheguei aqui, eu me lembro que existia muito peixe aqui. Esses meus cunhados chegavam aqui da pesca, depois de 15 ou 20 dias e traziam mesmo, a gente via mesmo tirar peixe dali de dentro do barco, parece assim que não

ia acabar mais. E hoje em dia, totalmente diferente, eles passam dias e dias fora, 20 ou 30 dias, e as vezes eles tiram mal assim para se manter, sabe assim. Sabe, a gente tem uma vida mais ou menos, muito difícil. Hoje eu já falo para ele assim: Se a gente tivesse outra coisa para fazer, principalmente, ele tivesse uma outra profissão, tivesse estudado, e tal, acho que ele deveria. Mais para todos aqui a pescaria, poucos aqui sabem alguma coisa de alvenaria, de marcenaria, sabe essas coisas. Mas a maioria aqui são pescadores, e a gente vive disso. Então, se acabar como vai ser? Né? Para quem não tem outra profissão” (Esposa de pescador, M.B., 26 anos).

O relato descrito evidencia como essa área do Cajueiro é polarizada pela atividade da pesca, o que é comum em áreas ribeirinhas ou rurais, onde os indivíduos não possuem grandes perspectivas de ascensão financeira. No entanto, por mais que exista no discurso dos pescadores e suas esposas o descontentamento com a pesca, fica evidente que é difícil para esses indivíduos romper com esse ciclo de inserção e permanência nessa atividade econômica, considerando a tradição dessa atividade dentro das famílias e o fato da mesma ter sua mão de obra basicamente formada pelas relações de parentesco (RAVENA-CANETE, 2011).

Na família acima descrita, assim como nas outras entrevistadas, é muito clara a divisão de trabalho, quando o marido foi indagado quanto às mudanças ocorridas no seu cotidiano após o casamento, ele declarou que precisava assumir seu papel de “homem” e não permitir que sua família passasse por dificuldades, como se observa adiante.

“Porque eu era muito farrista. Depois que eu arranjei mulher não. Pensei que eu tinha que botar as coisas para dentro de casa, para nunca faltar às coisas. Graças a Deus, hoje eu to muito bem”. (Pescador, I.B., 29 anos)

Reafirmando a tradição da pesca no Cajueiro e a marcada relação de gênero, entre os homens a ocupação mais declarada foi a de pescador e entre as mulheres a de doméstica, resultados concordantes com os encontrados por Silva (2006) ao estudar uma comunidade ribeirinha Amazônica.

Estendendo essa análise para a importância da família na formação profissional do indivíduo, é possível inferir que desde a infância os indivíduos são ensinados a realizarem diferentes funções. Tal situação foi observada na coleta de dados, pois as atribuições das meninas estavam relacionadas ao âmbito doméstico (lavar louça, varrer, cozinhar, etc.) e os

meninos estavam envolvidos em atividades externas (pescar com linha de mão, coletar frutas, etc.).

Sabe-se que existem vários fatores que influenciam nesse processo, desde as relações de gênero até a família a que eles fazem parte, considerando que estas possuem um padrão dito “tradicional”, que apresentam marcadamente essa divisão de gênero. Como é possível observar também no relato a seguir.

“Não é por causa de machismo, esse tipo de machista para mim isso passou, isso não existe na minha vida, eu colaboro na medida do possível, o que eu puder ajudar, eu ajudo. Adoro cozinhar, muita coisa que tem aqui eu não faço porque tem as menina que tão grande, mas eu já fiz esse negócio de varrer casa, de lavar uma louça, eu já fiz, agora não faço mais, porque as meninas já cresceram elas ajudam a mãe delas, mas eu não tenho preconceito nenhum de fazer nada, e se fosse para fazer como, eu faço tudo, tudo de novo, com a maior alegria.”(Pescador J. S., 35 anos)

Para analisarmos esses discursos é preciso entender que dentro de suas famílias eles aprendem quais atividades devem fazer, assim como exposto por Silva (2006) sobre como ocorrem as relações entre irmãos, numa área rural, e como estas influenciam nas atividades que devem ser desenvolvidas por cada um, com base em seu gênero, até os grupos que interagem. Ao estudar casais de uma comunidade Amazônica, Silva (2010) encontrou resultados similares ao detectar que os grupos de interação dos casais se formavam em função do gênero.

Percebe-se que desde a infância as mulheres são preparadas para cuidarem da casa e de sua família e os meninos aprendem que suas obrigações são o de sustentar a casa, ser o chefe da família. Após a idade adulta, quando se casam, o padrão é reproduzido, onde a mulher cuidará da casa e de sua família e o marido a sustentará. Essa tendência também foi encontrada no Cajueiro, durante as entrevistas e conversas informais, quando perguntado aos indivíduos o que tinha mudado em suas rotinas após o casamento, os homens diziam que se sentiam pressionados por terem a obrigação de “não deixar faltar nada”. A resposta das mulheres, em geral, era dizer que a mudança foi simplesmente mudar de casa, pois a rotina de trabalhos domésticos era a mesma.

No diagrama a seguir, figura 31, é possível observar uma família que também relata seu desagrado com a atividade da pesca. Esta é formada pelo casal Josias (35) e Natali (28) possuem três filhos, João(10), Joana (11) e Jaciana (14). Josias trabalha com a pesca desde a adolescência, esta lhe foi ensinada pelo pai, é originário de Barcarena, mudou-se com a família para o Cajueiro durante a infância, pois o pai era pescador e mudou para a área. Natali, esposa, dedica-se às atividades domésticas e a cuidar dos filhos. Ambos possuem o ensino fundamental incompleto. Todos os filhos desse casal são estudantes.

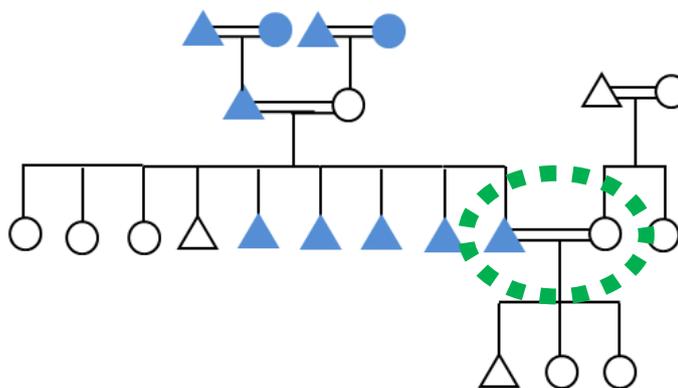


Figura 31: Diagrama de uma família do Cajueiro.

O chefe dessa família, apesar de declarar sentir-se satisfeito por ter um ofício e conseguir sustentar a família, relata que a profissão é muito difícil, principalmente, pelas restrições financeiras como observa-se a seguir.

“E os barcos também, tem um lugar que a gente vai aí, o Pacoval, que a gente chega lá esses barcos que são os maiores que a gente, que a gente chama tubarão, chega mesmo, que a gente com nossa rede artesanal não tem força contra eles aí, dá onde eles chegam, eles chegam para acabar é, a gente compara isso com um motosserra, eles tão com uma motosserra e a gente tamo com um cutelo na mão, a gente não tem força para combater com eles, eles chegam acabando com tudo, chegam para destruir, tem semana que a gente passa de 10 dias para cá para baixo. Pensa, a gente sai a gente deixa 200 reais aí, quando a gente chega, tipo a gente passa 10 dias e muitas vezes só conseguimos outros 200 aí, temo que sair de novo os marido mesmo é os que

sofro vão trabalhar, sem recompensa quase. Vamo mesmo, porque não pode deixar a família ficar sem nada que não é fácil.”(Pescador, J. S. 35 anos).

Quando este pescador foi indagado sobre seu desejo de repassar a tradição da pesca para seus filhos ele declarou que não desejava que os filhos seguissem sua profissão, pois era uma profissão perigosa e sem garantias. Que não desejava isso para os filhos declarou que deseja que “O filho seja alguém na vida”, ou que ele estude e siga em alguma profissão.

A fala acima é impactante. Ao passo que o pescador vê na pesca a garantia de sustento da família, finda desvalorizando a atividade, diante de uma percepção de que o trabalho é muito desgastante e duro. Vale lembrar, como descrito no capítulo 3, as estratégias que o processo de industrialização da pesca criou para desmerecer e baratear o trabalho do pescador artesanal. Certamente a fala se relaciona a esse processo.

Essa dissertação foi elaborada partindo da premissa de que as pessoas estavam ou desejavam se afastar da pesca. No entanto, os dados mostrados evidenciam uma tessitura de fatores que envolvem a tradição da atividade na família, a identificação do indivíduo com a pesca, a proximidade física de parentes e de outras pessoas com a mesma ocupação, e outros fatores que estreitam os laços do indivíduo com a comunidade, com a família e com a pesca. E apesar de estarem presentes no discurso os riscos e as dificuldades das “pescarias”, percebe-se um encanto e um grande orgulho por ser pescador e que entre as gerações das famílias a pesca vai se perpetuando. Portanto, em que medida a fala de que a pesca é uma atividade difícil relata de fato a percepção do pescador. Em que medida ela não figura como eco de um processo criado pela indústria pesqueira, que se enreda na família e nos laços de tradição que marcam essa atividade e finalmente lá ficam?

No diagrama abaixo, figura 32, as representações em azul mostram os indivíduos que possuem relação direta ou indireta com a pesca e os círculos vermelhos evidenciam os indivíduos que residem no cajueiro, além dos entrevistados. As famílias são mostradas através do casal Marcio (65) e Ednéia (56), vivem juntos há aproximadamente 35 anos, residem no Cajueiro há 20 anos, Marcio não frequentou a escola e Ednéia possui o ensino fundamental incompleto, são sustentados pela aposentadoria do marido como pescador.

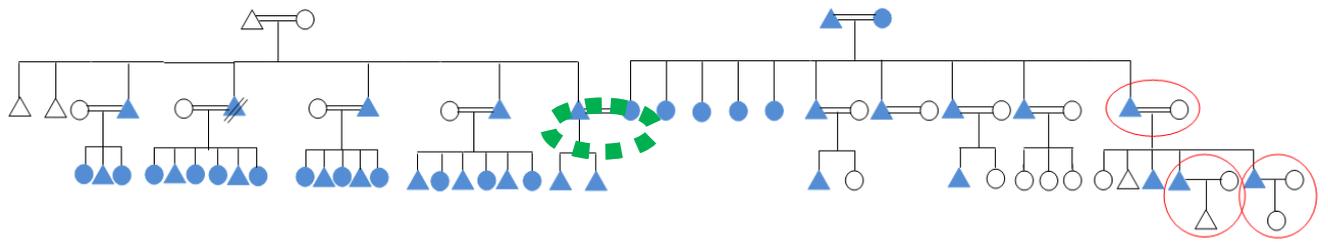


Figura 32: Diagrama de um casal de senhores no Cajueiro.

Marcio é oriundo de uma família de agricultores, trabalhou com extração de seringa, carpintaria, começou a trabalhar exclusivamente com a pesca após o casamento, tem dois filhos do primeiro casamento que também são pescadores. Edneia é oriunda de uma família de pescadores e também é aposentada como pescadora, no entanto não se declara pescadora, denomina-se dona de casa, mesmo que ainda coloque matapis na área.

Durante as conversas com esse casal foi possível observar que dentre todos os entrevistados, estes foram os únicos que tinham uma afinidade com a agricultura. Declaram que quando adquiriram o terreno na área, plantaram algumas árvores frutíferas no quintal. Talvez isso ocorra em decorrência de que eles tenham vivido num momento em que não se trabalhava exclusivamente com a pesca, sempre complementavam sua renda ou alimentação com a atividade extrativa ou agrícola.

Esse casal é um exemplo dos indivíduos que se mudaram para a área para estar mais próximos de seus familiares, este casal originalmente residia numa ilha próxima à Icoaraci e o fato do Cajueiro ser mais próximo dos locais de pesca e de um dos irmãos da Ednéia já viver na área, foram fatores impulsores para a mudança.

Esse processo é fortemente observado na comunidade Cajueiro, considerando que a migração para essa localidade se dava em razão da mudança de algum parente para área, como mostrado no capítulo 2. Outro exemplo de migração é o da família a seguir.

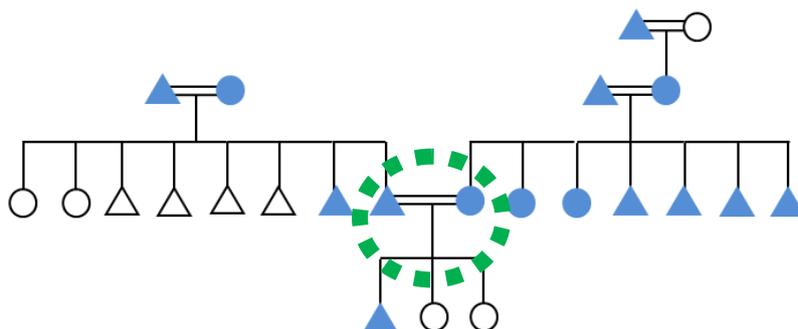


Figura 33: Família entrevistada no Cajueiro.

O diagrama acima foi constituído a partir do casal Marinalvo (34) e Marisa (32), possuem 3 filhos, todos nascidos em Mosqueiro. Marisa é oriunda de Abaetetuba, auxiliava seu pai com a pesca desde a infância, conheceu seu marido no local, após casar-se continuou colocando matapi e saindo para pescar com o marido, também realizava as atividades domésticas e cuidava dos filhos, possui ensino fundamental incompleto. Mudou-se para o Cajueiro para acompanhar a família, pois os irmãos pescadores mudaram-se para a comunidade, como pode ser observado a seguir.

“Meus irmãos trabalhavam tudo para cá, Aí, passava até mês, dois meses para ir para lá. Papai disse: Sabe o que nós vamos fazer? Morar para lá. Aí! Peguemo e viemo embora. Meu tio morava ali. Aí, peguemo e viemo embora para cá por causa que a pesca só era para cá, para lá não tinha.” (Pescadora, M. L., 32 anos).

A rede total de parentesco é influenciada por, pelo menos, três fatores: a ajuda mútua, as diferenças no status ocupacional e a proximidade geográfica. Como afirmado por Bott (1976) “Toda sociedade é formada por redes”, no Cajueiro é muito claro que a ocupação em comum, a mínima diferença no status, a proximidade dos parentes, são fatores que estreitam a malha de parentesco total.

Ao analisarmos as mudanças, saídas e retornos, no mundo da pesca, é necessário considerar que o grau de conexidade do indivíduo com sua família, com o local onde mora, com a sua ocupação, são fatores determinantes ou que têm forte influência para que ele não queira sair daquele meio. Outros fatores como a proximidade geográfica dos parentes, a

grande possibilidade de troca de favores, a pouca diferença no status da profissão, o ganho financeiro, as condições de habitação e de trabalho são importantes para que as futuras gerações permaneçam no trabalho da pesca.

Diante disso, até que ponto é possível considerar que os indivíduos permanecem na atividade da pesca, exclusivamente, por escolhas pessoais?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade Cajueiro pode ser caracterizada como uma vila de pescadores, pois a pesca possui uma forte tradição entre as famílias e é a atividade que mais gera renda para a área, direta e indiretamente.

Por causa de sua localização e a importância do porto de desembarque é possível mensurar a importância da atividade da pesca como estruturadora da comunidade Cajueiro, sendo um dos principais motivos para a migração para a área de Mosqueiro.

A área caracteriza-se por ter formação domiciliar familiar e a estrutura com mais representatividade é a família nuclear. Os tipos de família mais encontrados na comunidade são as chamadas “tradicional”, onde há uma forte divisão dos papéis de gênero.

Os pescadores e moradores da área possuem um baixo nível de escolaridade, uma das razões pode ser a baixa escolaridade dos pais ou responsáveis além da necessidade de trabalhar desde cedo para auxiliar no sustento das famílias.

Diante do observado em campo e na literatura buscada, a atividade da pesca não é somente um meio de prover o sustento, é uma atividade humana que está presente na maioria das famílias a muitas gerações, é uma arte ensinada de pai para filho, de irmão para irmão, uma atividade tradicional em que o indivíduo é um artesão, por dominar as técnicas para utilização dos apetrechos, do local dos cardumes, das noções de navegação, de ser um pescador de verdade.

Esta atividade está imbricada no cotidiano das famílias, dos amigos, onde as relações que se estabelecem dentro dela não são relações de trabalho, pura e simplesmente, são relações de confiança e parceria, e isso se dá, pois a pesca possui uma tradição forte que estabelece relações e se forma e cresce dentro destas.

Esta dissertação foi elaborada partindo da premissa de que as pessoas queriam se afastar da pesca. No entanto, uma das características fortes da atividade da pesca artesanal é a mão-de-obra ser estruturada baseando-se nas relações de parentesco e amizade.

Portanto, a tradição da atividade na família, a identificação do indivíduo com a pesca, a proximidade física de parentes e de outras pessoas com a mesma ocupação, e outros fatores que estreitam os laços do indivíduo com a comunidade, com a família e com a pesca finda mostrando o oposto do que se imagina encontrar quando da elaboração do projeto de

dissertação. E apesar de estarem presentes no discurso dos moradores da comunidade os riscos e as dificuldades das “pescarias”, percebe-se através das gerações que os indivíduos permanecem na mesma.

Ao se analisar a pesca é necessário considerar que o grau de conexão do indivíduo com sua família, com o local onde mora, com a sua ocupação, são fatores determinantes ou que tem forte influência para que ele não queira sair daquele meio.

Diante disso, até que ponto é possível considerar que os indivíduos permanecem na pesca, exclusivamente, por escolhas pessoais, ou pela impossibilidade de realizar outras atividades, ou pelas estruturas das redes sociais formadas aproximarem ele cada vez mais da atividade. Certamente a pesca funciona, como mostrado no último capítulo, como uma organização pautada em redes sociais. Essas redes pescam os indivíduos através de seu cotidiano, de suas relações de parentesco. A pesca é, finalmente, uma rede que pesca pescadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Lewis Morgan: 140 anos dos Sistemas de Consanguinidade e Afinidade da Família Humana (1871-2011). **Cadernos de Campo** (no prelo) <http://mwba.files.wordpress.com/2010/06/barbosa-de-almeida-2010-lewis-morgan-c.pdf>

ALENCAR, E. F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras, In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) **Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia**, Belém: MPEG, p. 63-8. 1993.

ALENCAR, C.A.G. e MAIA, L.P. Perfil Socioeconômico dos pescadores brasileiros. **Arquivos Ciências do Mar**, 44(3): 12-19. 2011.

AUGÉ, M. **Os Domínios do Parentesco**. Lisboa: Edições 70, (11-73). 1978.

BAIA, S. D. Relações entre irmãos e diferenças de gênero em uma comunidade ribeirinha da região amazônica. **Dissertação de mestrado**, Universidade Federal do Pará, Belém. 2006.

BARNES, John. Redes sociais e processo político. In: **Antropologia das sociedades Contemporâneas**. Bela Feldman-Bianco (org). São Paulo: Global, 1987.

BARTHEM, R. B. O desembarque na região de Belém e a pesca na foz Amazônica. In: RUFFINO, M. L. **Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia**. Manaus: Provárzea, p. 137-167, 2004.

BATALHA, L. **Breve análise sobre o parentesco como forma de organização social**. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, (751-762). 1995.

BENTES, B. S. Ecologia, pesca e dinâmica populacional do camarão da Amazônia - *Macrobrachium amazonicum* (Heller, 1862) (DECAPODA:PALAEMONIDAE) - capturado na região das ilhas de Belém - Pará - Brasil. **Tese** (Doutorado em Ecologia Aquática e Pesca), UFPA, Belém, 2011.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRASIL, Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Brasília. 14p. 2009.

BRASIL. Ministério da Pesca e Aquicultura (M.P.A.). Boletim estatístico da pesca e aquicultura 2011. Brasília: MPA, 2011. 60p.

CAMARGO, S.A.F.; SOUZA, A.S.; CAMARGO, T.R.L. O direito pesqueiro no ordenamento jurídico brasileiro. In. CAMARGO, S.A.F. & CAMARGO, T.R.L.(orgs). **Direito, política e manejo pesqueiro na Bacia Amazônica**. São Carlos: RiMA editora, 2012.

CARDOSO, D. M. . **Mulher, Pesca e Ambiente. Espaço Científico** - Revista do Instituto Luterano de Ensino Superior de Santarém, Santarém, v. 3, p. 65-72, 2002.

CASTRO, C. "Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer". Jorge Zahar, 2005. Resenha de: PICCOLO, F.D. Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer. **Comunidade virtual de antropologia**, edição número 34, consultado em: http://www.antropologia.com.br/res/res34_2.htm

CAVALCANTI, D.R.R., Mulheres nas águas: Um estudo sobre relações de gênero na pesca. **Dissertação (Mestrado em Sociologia)**, UFPB, João Pessoa, 2010.

CAVALCANTE, A.N. ALMEIDA, Z.S. PAZ, A. C. , ISAAC, V.J., Análise multidimensional do sistema de produção pesqueira caranguejo-uçá, *ucides cordatus*, no município de Araiões, Maranhão – Brasil. **LABOMAR- Arquivos de ciências do mar**. Fortaleza, 44(3): 87 – 98. 2011.

CIRIBELLI, M. C., Pesquisa Científica. In: **Como elaborar uma dissertação de mestrado: através da pesquisa científica**. Rio de Janeiro, p. 225, 2003.

COSTA, M. A. F. Rede turística e organização espacial: uma análise da ilha de Mosqueiro, **Dissertação (Mestrado em Geografia)**. UFPA, Belém, 2007.

DIEGUES, A. C. S. **Povos e Mares: leituras em sócio-antropologia marítima**, Nupaub, São Paulo, 1995.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo, Ática, 1983.

DIEGUES, A.C. - A sócio antropologia das comunidades de Pescadores marítimos no Brasil. **Etnográfica** (ISSN 0873-6561), 3(2):361-375, Liboa, Portugal. 1999.

FEENY, D., BERKES, F., McCAY, B. e ACHESON, B. A Tragédia dos Comuns Vinte e Dois Anos Depois. Páginas 17 a 42. In DIEGUES, A.C. e MOREIRA, A.C. (Orgs). **Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum**. NUPAUB-USP, São Paulo. 2001

FONTELES-FILHO, A.A. **Oceanografia, Biologia e Dinâmica Populacional de Recursos Pesqueiros**. Expressão Gráfica e Editora, 464p. 2011.

FREITAS, C. E. C. RIVAS, A. A. F. A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Ocidental. Ciência e Cultura (SBPC), Campinas, v. 58, n.3, p. 30-32, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n3/a14v58n3.pdf>

HENRIQUES, C. R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, 16(35), 327-336. 2006

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, **Estatística da Pesca – 2007**. Disponível em <http://ww.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/download.php?id_download=113> Consultado em: 15 de dezembro de 2014.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População Jovem. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/> Consultado em 15 de fevereiro de 2015.

ISAAC, V. J.; BARTHEM, R. B. **Os Recursos pesqueiros da Amazônia brasileira**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, v. 11, n. 2, p. 295-339, 1995.

ISAAC, V. J.; ESPIRITO-SANTO, R. V.; NUNES, J. L. G. A estatística pesqueira no litoral do Pará: resultados divergentes. **Pan-American Journal of Aquatic Sciences**, v. 3, p. 205-213, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. Da ciência biológica à social: a trajetória da antropologia no século XX. **Habitus**. Goiânia, v. 3, n. 2, p. 321-345, jul./dez. 2005.

LEÃO, P. S. Ilha de Mosqueiro: Práticas de pesca sustentável numa comunidade tradicional da Amazônia – Estudo de Caso, **Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão Ambiental)**. UNOPAR, Belém, 2010.

LEITÃO, W.M. e SOUSA, I.S. Pescadores insulares e mercados: aspectos das relações de reciprocidade no comércio de pescado no Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 2, p. 53-64, maio-ago. 2006

LEVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**, 1978; tradução de Mariano Ferreira. 5. ed. Petrópolis, Vozes 2009. Resenha de: HESSE, R. Q. A proibição do incesto para Levi-Strauss. Academia Edu, consultado em: https://www.academia.edu/4776895/resenha_a_proibic%C3%A3o_do_incesto_para_Levi-Strauss

LÉVI-STRAUSS, C., **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1976.

MANESCHY, M. C.; SIQUEIRA, D.; ÁLVARES, M. L. M. . Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. **Revista Estudos Feministas** (UFSC. Impresso), v. 20, p. 713-737, 2012.

MACHADO, M. F. . Entre a Terra e o Mar: o trabalho das mulheres nas comunidades pesqueiras no Brasil. ISSN 1646-6977. **Psicologia.com.pt**, v. 01, p. 01-09, 2010.

MAIA, M. B. R.; PEREIRA, H. S. A inserção do pescador artesanal nas políticas de seguridade social do trabalhador rural. In: 2º. Encontro Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2010, Belém. Amazônia: mudanças sociais e perspectivas para o século XXI, 2010.

MELO, Y. P. C. Caracterização da ictiofauna durante o período seco, na baía do Guajará e baía do Marajó. **Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca)**, UFPA, Belém, 2009.

MELLO, A.F. Pescadores da Indústria: O complexo de Icoaraci. In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) **Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia**, Belém: MPEG,. p. 83-99. 1993.

MÉRONA, Bernard de. Ecologia da pesca e manejo pesqueiro na região amazônica. **Bol. Mires: Para. Endio Goeldi**, ser. Antropol. II(?), 1995.

MOREIRA, H. L. F. Marudá: Aspectos da mudança social em uma comunidade de pescadores da Amazônia. In: FURTADO, LEITÃO & DE MELLO (Orgs.) **Povo das águas – realidade e perspectiva na Amazônia**, Belém: MPEG,. p. 119-131. 1993.

MORAES, S. C., Saberes da Pesca: Uma Arqueologia da Ciência da tradição. **Tese (Doutorado em Educação)**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Brasil. 2005.

MOTTA-MAUÉS, M. A. . Pesca de homem/Peixe de mulher(?): Repensando gênero na literatura acadêmica sobre comunidades pesqueiras. **Etnográfica** (Lisboa), Lisboa, v. III, p. 377-399, 1999.

MOURÃO, K. R. M. ; FRÉDOU, F. L. ; SANTO, R. V. E. ; ALMEIDA, M. C.; BENTES, B. S. ; FREDOU, T. ; ISAAC, V. J. . Sistema de Produção Pesqueira pescada amarela - *Cynoscion acoupa* Lacèpede (1802): Um estudo de caso no litoral nordeste do Pará Brasil.. **Boletim do Instituto de Pesca** (Online), v. 35, p. 497-511, 2009.

OLIVEIRA, D. M., A pesca artesanal da frota de mosqueiro (Belém – Pará) e o uso do ambiente pela dourada (*Brachyplatystomaron* - Castelnau, 1855). **Dissertação (Mestrado em Ciência Animal)**, UFPA, Belém, 2007.

OSTRUM, E. Reformulando los bienes comunes. In SMITH, Richard Chase & PINEDO, Danny. **El cuidado de los bienes comunes: gobierno y manejo de los lagos y bosques em La Amazonía**. Lima-Peru: IEP, Instituto del Bien Común, 2002.

PALHETA, M.K.S., Participação e Conhecimentos Femininos na Inserção de Novas Espécies de Pescado no Mercado e na Dieta Alimentar dos Pescadores da RESEX Mãe Grande em Curuçá/PA. **Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca)**. Universidade Federal do Pará- UFPA. Belém. 2013.

PEIXOTO, J. e EGREJA, C. A força dos laços fracos: Estratégias de emprego entre os imigrantes brasileiros em Portugal. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 24, n. 1. 2012.

PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 22, p. 37-50, Editora UFPR. jul./dez. 2010.

PINHEIRO, R. V. L. Estudo Hidrodinâmico Sedimentológico do Estuário Guajará - Belém (PA). 1987. **Dissertação (Mestrado)** - Centro de Geociências, Universidade Federal do Pará. Belém. 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM – PMB. Plano Diretor do Município de Belém: lei n. 7603 de 13 de janeiro de 1993. Belém: CEJUP, 1993.

RAVENA-CAÑETE, V.; NAHUM, V. J. I. ; CANETE, T. M. R. ; MASCARAENHAS, H. . Cenários de Pesca no Litoral Paraense: Recursos Pesqueiros, Atores Sociais e Instituições. In: **IX Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica**, 2011, Brasília. IX Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, 2011.

RADCLIFFE-BROWN, A. **Sistemas Políticos Africanos de Parentesco e Casamento**, in Radcliffe-Brown; Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1978.

RAMALHO, C. W..N., A Arte de Fazer-se Pescador Artesanal. In: **II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (ANPPAS)**, 2004, Indaiatuba, SP, 2004.

ROBERT, M.C. Caracterização dos petrechos e embarcações usados na pesca artesanal em parte do litoral sul do Paraná, entre Guaratuba (PR) e Barra do Saí (SC), **Monografia** (Bacharelado em Ciências Biológicas), UFPR, Curitiba, 2001.

SALES, G. M. Ecologia da paisagem da ilha do Mosqueiro, NE do estado do Pará. **Dissertação (Mestrado em Geologia e Geoquímica)**, UFPA, Belém, 2005.

SANTOS, G. M., SANTOS, A. C.M., Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estudos Avançados**, USP, São Paulo, v. 19, n.54, p. 165-182, 2005.

SCHALLENBERGER, B. H. A atividade pesqueira nas ilhas do entorno de Belém. **Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca)**, UFPA, Belém, 2010.

SEIXAS, Cristiana S. et al . Gestão compartilhada do uso de recursos pesqueiros no Brasil: elementos para um programa nacional. **Ambient. soc.**, São Paulo , v. 14, n. 1, jun. 2011.

SILVA, S.S.C.; Pontes, F. A. R.; Lima, L. C.; Rede social e papéis de gênero de casais ribeirinhos de uma comunidade Amazônica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 26 n. 4, pp. 605-612. Out-Dez. 2010

SPARRE, P.; VENEMA, S.C. **Introdução à avaliação de mananciais de peixes tropicais**. 602 Parte 1: Manual. FAO Documento Técnico sobre as Pescas, nº 306/1, Ver. 2, Roma, FAO. 404p. 1997.

TORNAY, S. O estudo do Parentesco. In: **Antropologia: ciências das sociedades primitivas** ? Lisboa: Edições 70, 1977 (70-79; 101-127).

WOORTMANN, Klaas. Reconsiderando o Parentesco, In **Anuário Antropológico/76**, 1977 (p. 149-186).

ANEXOS

ANEXO I

FORMULÁRIO SOCIOECONÔMICO

Universo: moradores da Vila do Cajueiro Pesquisador: _____

Data: ___/___/___

Identificação Pessoal

1. O(A) sr(a) já foi entrevistado(a) antes? [1] Sim [2] Não

2. O(A) sr(a) é pescador(a)? [1] Sim [2] Não

3. Nome: _____

4. Endereço: _____

5. Sexo: [1] Masculino [2] Feminino | 6. Idade: _____ anos | 7. Cidade de nascimento: _____

Atividade econômica

6. Qual sua atividade principal?

[1] Nenhuma	[5] Caseiro/serviços domésticos	[9] Aposentado/benefício
[2] Pesca	[6] Funcionário público	[10] Agricultura
[3] Turismo	[7] Artesanato	[11] Serviços gerais
[4] Comércio	[8] Construção civil	[12] Outros

7. Há quanto tempo trabalha na atividade pesqueira? _____ anos [88] Não se aplica

8. Na atividade da pesca, você é? (Pode marcar mais de uma opção)

[1] Dono de barco [2] Mestre [3] Pescador empregado/parceiro [4] Pescador autônomo [5]

Outros _____ [88] Não se aplica

12. Quais os tipos de aparelho de pesca que você utiliza? (Pode marcar mais de uma opção)

[1] Rede de Arrasto [2] Linha de Mão [3] Vara de Pescar [4] Tarrafa [5] Espinhel [6] Coleta

Manual [7] Matapi [8] Rede de emalhar [9] Curral

[10] Outros _____ [88] Não se aplica

13. Quantos dias você trabalha por semana, em média? _____ dias [88] Não se aplica

13.1 Média de horas de trabalho por dia: [1] Menos de 4 horas [2] De 4 a 8 horas [3] Mais de 8 horas [88] Não se aplica

14. Você comercializa sua produção para: (Pode marcar mais de uma opção)

[1] Não possui produção própria [2] pesca para subsistência/consumo próprio [3] Atravessador [4] Venda direta ao consumidor [5] Colônia/associação/cooperativa [6] Bar e restaurantes [7] Não se aplica

15. Que fatores prejudicam na sua atividade pesqueira? (Pode marcar mais de uma opção)

[1]Nenhum [2]Pesca excessiva [3]Lixo [4]Poluição da água [5] Falta de saneamento básico [6] Diminuição dos recursos naturais [7] Falta de políticas públicas direcionadas ao [8] setor [9] Falta de organização do setor Turismo [10] Falta de fiscalização na pesca [11] Barcos/pescadores de outros locais [12] Outros_____ [88] Não se aplica

Dados da residência

Este imóvel é...

1 Próprio (quitado) 2 Próprio (em pagto.) 3 Alugado 4 Cedido 5 Outras

respostas:_____

20.Há quanto tempo **sua família** mora neste bairro?_____

21. O que motivou sua família a mudar-se para este bairro?_____

DADOS SOCIAIS DA(S) FAMÍLIA(S) RESIDENTE(S)

21. No total quantas pessoas moram em sua casa ? _____

22. Quantas famílias moram em sua residência?_____

23 PERFIL DA(S) FAMÍLIA(S) RESIDENTE(S)

Nº	Parentesco/Nome	Sexo	F. Etária	Natural/Sg	Ocupação	Renda
1	()	MF		()	()	
2	()	M F		()	()	
3	()	MF		()	()	
4	()	M F		()	()	
5	()	MF		()	()	
6	()	M F		()	()	
7	()	MF		()	()	
8	()	M F		()	()	
9	()	M F		()	()	
10	()	MF		()	()	

Códigos de preenchimento para graus de parentesco: 1-Chefe de família 2-Conjuge 3-Filho(a) 4-Mãe/pai 5-Neto(a) 6-Nora/genro 7-Tio(a) 8-Primo(a) 9-Sobrinho(a) 10-Pensionista/agregado 11-Outros parentes 12-Empregado(a)

24. TOTAIS DADOS SOCIAIS DA(S) FAMÍLIA(S) RESIDENTE(S)

Residentes	Nº Famíl	Masc.	Fem.	Trabalhadores	Não trabalhadores	PA	Fora PA	Renda

26. PERFIL ESCOLAR

Nº	NÃO ESTUDANTES									ESTUDANTES						
	S/I	Alf a	CFIE	1º Gr		2º Gr		3º Gr		Pré	1º Gr		2º Gr		3º Gr	
				C	I	C	I	C	I		C	I	C	I	C	I
1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
2	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
3	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
4	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
5	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
6	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
7	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
8	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
9	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7
10	1	2	3	4	5	6	7	8	9	1	2	3	4	5	6	7

27. TOTAIS DA ESCOLARIDADE DOS INDIVÍDUOS

NÃO ESTUDANTES									ESTUDANTES							
S/I	Alfa	CFIE	1º Gr		2º Gr		3º Gr		Pré	1º Gr		2º Gr		3º Gr		
			C	I	C	I	C	I		C	I	C	I	C	I	

ANEXO II

QUESTIONÁRIO

INFORMAÇÕES GERAIS

- 1.Município: _____
- 2.Comunidade: _____ 3.Data: ___/___/___.
- 4.Nome do Entrevistador: _____
- 5.Nome do Entrevistado: _____
- 6.Naturalidade: _____ 7.Sexo: _____ 8.Idade: _____
- 9.Estado Civil: _____ 10.Nº de filhos: _____
- 11.Escolaridade: _____

História de Vida/Entrevista semi estruturada

1. Conte-me quando e onde você nasceu?
2. Conte-me desde quando você reside aqui e porque se mudou para cá?
3. Seus pais já trabalhavam com pesca? E seus avós? (explorar semelhanças e diferenças entre ambos e a vida atual do entrevistado).
4. E seu casamento? Você foi morar onde? Como era seu cotidiano quando se casou, dia a dia? Como eram as tarefas da casa e da cozinha? (conduzir até o período atual explorando as atividades domésticas e o uso dos recursos aquáticos).
5. Se casada ou com união estável, seu companheiro trabalha na pesca? A quanto tempo trabalha?
6. Você já trabalhou ou seguiu trabalhando com pesca? (explorar motivos para permanência ou mudança de atividades).
7. Você se considera pescadora, porque?
8. Você tem interesse que seus filhos trabalhem com a pesca? (explorar motivos para permanência ou mudança de atividades)

9. Quando você não está trabalhando o que você faz? E com seus pais era assim? (explorar formas de lazer, atividades paralelas, buscando ligação com recursos naturais e a pesca).
10. Quais tipos de pescarias há na comunidade, em especial as exercidas pela mulher?
11. A quantidade de peixe que você pesca hoje corresponde à mesma quantidade que se pescava no tempo de seus pais? Porque mudou ou continuou? (explorar percepções diferenças, manutenções ou alterações e seus motivos e das espécies pescadas, tamanho, variedade, ver se tem expectativa de política para manejo).
12. Existe alguma regra, para quem pode pescar ou como se pode pescar?
13. Você acredita que uma medida de manejo aumentaria a produção de pescado?
14. Quais são suas sugestões para melhorar a pesca e preservar o meio ambiente?